

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Sociabilidade de fronteira: Um estudo sobre o bairro Sion

Heloísa Helena de Souza

Belo Horizonte
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA: Um estudo sobre o bairro Sion

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciana Teixeira de Andrade

Belo Horizonte
2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S725s Sousa, Heloísa Helena de
Sociabilidade de fronteira: um estudo sobre o bairro Sion / Heloisa Helena de Sousa.
Belo Horizonte, 2010
90f. : il.

Orientadora: Luciana Teixeira de Andrade
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Bibliografia.

1. Bairros. 2. Vizinhança. 3. Fronteiras. 4. Classe social. 5. Espaços públicos. 6.
Favelas. 7. Segregação. 8. Sociabilidade. 9. Sion (Belo Horizonte, MG). I. Andrade,
Luciana Teixeira de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa
de Pós- Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 308(815.11)

A minha mãe, sem seu amor, amizade, apoio e toda sua emoção não teria forças para seguir em frente. A você dedico tudo isso!

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pelos grandes ensinamentos e discussões além de todas as contribuições que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho.

Agradecimentos especiais a minha orientadora: Luciana Teixeira de Andrade, pela confiança, amizade e a quem aprendi a admirar. A Alessandra Sampaio Chacham, pela ajuda, atenção e todo apoio. Ao coordenador do Programa Tarcísio Botelho que ajudou-me a ver o curso com seriedade.

A todos meus colegas de mestrado que de alguma forma ajudaram com suas discussões para este trabalho, em particular cito: Cristina Vilas Bôas, Leandro Ratton, Lucas, Glaucineide, Guilherme Leonel, Renata Rosa e Wanja. A Edy Faria pela amizade, dedicação e da correção atenta de toda a dissertação.

A minha família, pelo amor, por sempre acreditarem em meu esforço, sobretudo, compreender o quanto a confiança de todos é importante para mim. Agradeço por entenderem minha ausência, distanciamento e nervosismo. Nem eu mesma poderia imaginar o quanto esse trabalho seria solitário e pudesse exigir tanto tempo. Meus irmãos, Marcus, Christina, Alberto e Marcelo, cada um com seu jeitinho, me ensinaram que podemos chegar aonde desejamos, com força, determinação, companheirismo, e acima de tudo o carinho e o amor de cada um. Sem essa união nada seria tão importante. Minha mãe, Suzana, companheira e amiga. Com seu carinho sempre criei forças para seguir em frente. Em cada trajetória da minha vida estive ao meu lado com seu sorriso e apoio, não me recordo de nenhum momento que não estivéssemos juntas e unidas. Obrigada por sempre acreditar em cada etapa enfrentada e ter me mostrado e feito enxergar como é desafiadora e intrigante a vida de um cientista social, vários são os caminhos a percorrer e descobrir. Com a forma mais simples de amar me ensinou sempre ir mais fundo, descobrir, pesquisar e encontrar novos desafios. Te amo muito e sempre.

Aos meus avós Ary e Hilda, que mesmo hoje não estando mais ao meu lado, muito me mostraram com seus ensinamentos, coragem e força. Agora fica a saudade e a lembranças de todos os momentos felizes. Ao meu pai, Sérgio que de alguma forma contribuiu para meu aprendizado e crescimento como pessoa.

Aos meus amigos e “queridos amigos”, como poderia me esquecer! A vocês agradeço o carinho, as longas conversas e novas descobertas que na vida se fazem necessárias para que se cresça e escolha o melhor. Só assim na relação com o outro podemos perceber o quanto é importante todo esse apoio e amizade. Obrigada por sempre estarem torcendo por mim e terem compreendido meu cansaço e “esquisitices”. Dessa forma gostaria de deixar registrados alguns de vocês: Rafaela Rodrigues, Pedro Stoeckli Pires, Claudia Brigido, Eloiza Goulart, Virna Mello, Joice Mello, Marcelo Verdi, Marcio Toledo, Lucas Marinho, Mariana e André. À minha grande e companheira amiga, Roberta Nery por estar sempre comigo e ter entendido que mesmo às vezes distante, sua presença me foi imprescindível.

Com meu agradecimento especial, não poderia deixar de lado, Leonardo Almeida, meu Leo, amado e companheiro que ocupa um espaço importante em minha vida, ao compreender o quanto todo esse trabalho representou para mim.

Assim dedico a todos vocês esse poema do amigo:

“Amigos, ainda...

*Um dia a maioria de nós irá separar-se.
Sentiremos saudades de todas as conversas
jogadas fora,
das descobertas que fizemos, dos sonhos
que tivemos, dos tantos risos e
momentos que partilhamos.
Saudades até dos momentos de lágrimas, da
angústia, das vésperas dos finais de semana, dos finais de ano,
enfim...
do companheirismo vivido.
Sempre pensei que as amizades
continuassem para sempre.
Hoje não tenho mais tanta certeza disso.
Em breve cada um vai para seu lado, seja
pelo destino ou por algum
desentendimento, segue a sua vida.
Talvez continuemos a nos encontrar, quem
sabe...nas cartas que trocaremos.
Podemos falar ao telefone e dizer algumas
tolices...
Aí, os dias vão passar, meses...anos... até
este contacto se tornar
cada vez mais raro.
Vamo-nos perder no tempo...
Um dia os nossos filhos verão as nossas
fotografias e perguntarão:
“Quem são aquelas pessoas?”*

*Diremos...que eram nossos amigos e.....
isso vai doer tanto!
“Foram meus amigos, foi com eles que vivi
tantos bons anos da minha vida!”
A saudade vai apertar bem dentro do peito.
Vai dar vontade de ligar, ouvir aquelas vozes
novamente.....
Quando o nosso grupo estiver incompleto..
reunir-nos-emos para um último
adeus de um amigo.
E, entre lágrima abraçar-nos-emos.
Então faremos promessas de nos encontrar
mais vezes daquele dia em diante.
Por fim, cada um vai para o seu lado para
continuar a viver a sua vida,
isolada do passado.
E perder-nos-emos no tempo....
Por isso, fica aqui um pedido deste humilde
amigo: não deixes que a vida
passe em branco, e que pequenas
adversidades sejam a causa de grandes
tempestades....
Eu poderia suportar, embora não sem dor,
que tivessem morrido todos os
meus amores, mas enlouqueceria se
morressem todos os meus amigos!”
Fernando Pessoa*

A utopia:

Ela estava no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos. E o horizonte corre dez passos. Por mais que caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para se caminhar... [Eduardo Galeano]

Se eu sonhar sozinho, tudo será apenas um sonho. Mas, se tivermos um sonho coletivo, estaremos começando uma nova realidade. [Claude Ouimet]

RESUMO

Esta dissertação trata das interações sociais entre os moradores de um bairro de classe média alta, o Sion, e os moradores da Vila Acaba Mundo, ambos situados na cidade de Belo Horizonte. A Praça JK, situada entre esses dois bairros foi escolhida pelo interesse de se investigar a interação social de dois grupos distintos em um mesmo espaço público. Para analisar a natureza das interações sociais entre dois grupos, Sion e a favela do Acaba Mundo, realizaram-se entrevistas, observações e conversas informais com os seus moradores. Paralelamente foi realizado um survey com 330 questionários. A investigação contou com um modelo de classificação explicativo. O survey explicativo é quando se pretende fazer asserções explicativas. Constatou-se que a estigmatização das pessoas que residem na favela é reforçada pelos discursos dos moradores que ali vivem; elas se sentem isoladas em relação ao convívio nos espaços, em especial na Praça JK, onde se realizaram as entrevistas. A praça é marcada por uma pressão dos mais ricos sobre os mais pobres, verificada com as formas de interação dos dois grupos que optam por utilizar espaços distintos com o intuito de não se misturarem.

Palavras-chave: Bairro. Vizinhança. Classe Social. Espaço Público. Favela. Segregação Socioespacial. Sociabilidade. Sion. Belo Horizonte (Brasil).

ABSTRACT

This dissertation deals with the social interaction among the dwellers of an upper/higher medium class neighborhood/district, Sion, and the dwellers of the Vila Acaba Mundo, both located in the city of Belo Horizonte. The JK Square, located between these two neighborhoods, was chosen in order to study the social interaction of two different groups in a common public space. In order to analyze the nature of the social interactions between the two groups, Sion and the favela Acaba Mundo, interviews, observations and informal conversations with its dwellers were carried out. In addition to this, a survey with 330 questionnaires was made. This investigation is based on a model of explanatory classification. The explanatory survey aims to make explanatory assertions. It was observed that the stigmatization of the people who live in the favela is reinforced in the speech of the local dwellers; they feel isolated in relation to the spaces, in special the JK Square, where the interviews were made. The square is marked by the pressure of the richer upon the poorer, which can be seen in the forms of interaction of both groups considering that they choose to use distinct spaces with the objective of not mixing together.

Keywords: District. Neighborhood. Social Class. Public Space. Favela. Socio-spatial Segregation. Sociability. Sion. Belo Horizonte (Brazil).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FEMAM – Fórum de Entidades do Entorno das Minerações do Acaba Mundo

URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

ZEIS - Zonas Especiais de Interesse Social

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	60
Tabela 2.....	63
Tabela 3.....	64
Tabela 4.....	66
Tabela 5.....	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1..... 64

Gráfico 2..... 65

Gráfico 3..... 69

Gráfico 4..... 69

Gráfico 5..... 70

Gráfico 6..... 71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Capítulo 2 - O BAIRRO E SEUS PROCESSOS DE DIFERENCIAÇÃO SOCIAL	18
2.1 Os bairros e as relações de vizinhança na metrópole contemporânea.....	21
2.2 As relações de fronteira: Um “entre - lugar” social.....	31
2.3 As relações entre a população de baixa renda e sua moradia: a favela	3434
Capítulo 3 - CONSTRUÇÃO HISTÓRICA: SION E VILA ACABA MUNDO	36
3.1 Belo Horizonte, cidade planejada e administrativa	36
3.2 Caracterização da Favela do Acaba Mundo	37
3.3 O Sion e seu crescimento	46
3.4 Exploração e descrição de campo.....	48
Capítulo 4 – METODOLOGIA DE PESQUISA E RESULTADOS ALCANÇADOS	61
4.1 Survey	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	7274
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	82
Lista de Bairros	84
Roteiro de entrevistas.....	87
Roteiro de observação.....	88
Survey.....	89

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se insere no escopo das pesquisas sobre os bairros de Belo Horizonte, realizadas no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas. A mesma tem como objetivo analisar um bairro da cidade de Belo Horizonte, situado na região centro-sul, o Sion, especialmente a interação entre os seus moradores com os moradores de uma favela vizinha na Praça JK.

A ocupação da região onde hoje se situa o bairro Sion teve início com a favela do Acaba Mundo, nome derivado do córrego lá existente. Posteriormente, as religiosas da ordem francesa do Sion fundam o colégio Sion, que receberia jovens da mais alta elite regional, criando dessa forma duas comunidades bastante distintas.

Atualmente, trata-se de um bairro de classe média/alta que sofre um processo vertiginoso de verticalização. O alto poder aquisitivo de seus habitantes acabou por atrair, de forma acentuada, um comércio de luxo, escolas particulares elitizadas, restaurantes e bares da moda. Embora tenha essas características, possui uma grande proximidade com a população carente da Vila do Acaba Mundo.

O estudo aqui elaborado analisou a proximidade existente entre as duas comunidades, suas diferenças socioeconômicas e as possibilidades de uma sociabilidade de fronteira nos espaços públicos do bairro. Definiu-se sociabilidade de fronteira o que ocorre nos espaços que se localizam entre o bairro e a favela e onde os dois grupos se encontram, em especial numa praça, oficialmente denominada Parque JK, devido às suas dimensões. Esse espaço é entendido nesta pesquisa como um espaço público capaz de proporcionar o uso coletivo.

A existência de bairros de classe média/alta ao lado de favelas é uma peculiaridade de algumas cidades brasileiras. No caso de Belo Horizonte observa-se, no nível macro, a manutenção do padrão centro-periferia de segregação socioespacial (MENDONÇA, 2008), com os estratos de maior poder aquisitivo residindo nas áreas centrais e os de mais baixa renda nas periferias distantes. No entanto, observa-se também a proximidade de ricos e pobres na região centro-sul, em vista da localização, nessas áreas, de antigas favelas, como é o caso do Acaba Mundo.

A motivação inicial desta investigação surgiu durante o trabalho de campo de iniciação científica realizado em 2004 a 2005, quando comecei a perceber que havia dois grupos distintos que frequentavam a praça, os moradores do Sion (classe média/alta) e os da favela do Acaba Mundo, e eles não a frequentavam nos mesmos horários. Essa foi uma das constatações que me levou a investigar melhor esse espaço e desenvolver esta pesquisa.

A Praça JK, é uma área de 36.000 m², situada entre os bairros Sion e a Vila Acaba Mundo¹. Atualmente, a praça conta com vários equipamentos de ginástica, amplos espaços para brincadeiras e duas pistas para caminhadas. Seus jardins estão constantemente floridos e são cuidados por uma empresa particular, que participa do programa “Adote o Verde²”.

Em função dessa proximidade física, este estudo procurou analisar a natureza das interações entre esses dois grupos de moradores e suas implicações no processo de segregação socioespacial. Trata-se de uma investigação sobre os processos de segregação presentes nos espaços públicos do bairro, tendo como objetivo específico analisar os processos de construção de fronteira enquanto um “limite”, uma linha de demarcação capaz de separar os diferentes grupos sociais nos espaços públicos do Sion. Essas fronteiras são construídas socialmente e, por isso mesmo, são negociadas, conforme a pressão de um grupo em relação ao outro.

Para compreender a situação atual do bairro, este trabalho iniciou-se com uma pesquisa histórica sobre a sua formação dentro do contexto histórico belorizontino. Paralelamente a este estudo foi realizado um survey na Praça JK com aplicação de 330 questionários. Tais questionários foram aplicados aos usuários da praça durante suas atividades de lazer, de esporte ou convívio social. A investigação contou com um modelo de classificação explicativo. O survey explicativo é utilizado quando se pretende fazer asserções explicativas, como compreender as causas do desemprego ou a razão da escolha do eleitorado por determinado candidato. Em geral, requer análise multivariada; nesta investigação analisamos a interação social de dois grupos socioeconomicamente distintos e que moram próximos fisicamente e frequentam o mesmo espaço público.

O objeto desta pesquisa, portanto, é a interação e as formas segregação social em espaços públicos, que aqui será representado pela praça JK. Para se chegar a essa análise serão contemplados o grau de interação e a relação de sociabilidade entre os indivíduos dos dois grupos socialmente distintos que frequentam a praça.

¹ Em Belo Horizonte, as favelas são denominadas de vilas pelo poder público e, em muitos lugares essa denominação é também empregada pelos moradores, que a preferem no lugar de favela, devido às conotações negativas dessa última.

² O Projeto Adote o Verde de Belo Horizonte é um programa de parcerias entre a prefeitura e o setor privado para a implantação, revitalização e manutenção de áreas verdes na cidade. Os convênios basicamente, delimitam as responsabilidades do adotante e da prefeitura.

Nesse sentido, a pergunta que norteia o trabalho pode ser assim apresentada: de que forma dois grupos socioeconomicamente diferentes, os moradores do bairro Sion e da favela do Acaba Mundo, se apropriam, interagem e utilizam os espaços públicos do bairro? A proximidade física facilita ou constrange as interações entre eles?

Finalmente, a dissertação está dividida da seguinte forma: no primeiro, aqui definido como capítulo 2, será discutido *O Bairro e seus processos de diferenciação social*, procurou apresentar uma reflexão dos estudiosos da Escola de Chicago, em particular Robert Park, em seu estudo sobre *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, que inaugura a cidade como importante e privilegiado objeto de investigação, tomando como perspectiva a relação de vizinhança em um bairro, em nosso estudo o bairro Sion, na cidade de Belo Horizonte.

Partimos de uma reflexão sobre a cidade moderna para explicar os estudos pioneiros da Escola de Chicago sobre a segregação socioespacial e seus impactos nas cidades, decorrentes da desestruturação causada pela imigração e pela integração dos imigrantes à sociedade americana.

Para tratar com maior precisão o conceito de segregação social nos apoiamos em algumas outras teorias como classe social e estratificação social a partir de Marx e Weber. Ao contextualizar as relações de desigualdade e segregação foi desenvolvido também a definição de espaços públicos e as formas de sociabilidade como também favela e seus espaços de pobreza e estigmatização social.

No capítulo 3, *Construção Histórica: Sion e Vila Acaba Mundo*, trataremos da contextualização da cidade de Belo Horizonte e sua história, o crescimento e seu desenvolvimento para podermos explicar o bairro Sion e a Vila Acaba Mundo, apresentando suas características.

O capítulo 4 *Metodologia de pesquisa e resultados alcançados* discute a metodologia trabalhada, realizou-se uma análise dos processos de segregação residencial no bairro Sion ampliando para os seus espaços públicos, em especial na Praça JK, um espaço público aberto ao encontro entre os diferentes, por se localizar na fronteira de dois mundos: o bairro e a favela. A pesquisa utiliza-se de dados qualitativos e quantitativos, parte deles aqui produzida a partir de um survey e parte coletada em fontes secundárias.

No capítulo 5 apresentará as *Considerações finais*. Por meio dela, procuraremos demonstrar as relações de fronteira que possui grande força sobre a ausência de interação entre os dois grupos socioeconomicamente distintos. Os Grupos com maior poder aquisitivo exercendo uma pressão sobre os mais pobres.

A Fronteira marca nosso estudo como um conceito fundamental, pois é percebido um espaço interticial, uma delimitação invisível que separa os moradores do bairro e da favela. A fronteira se desloca de acordo com a hora no espaço da Praça JK.

O BAIRRO E SEUS PROCESSOS DE DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

(...) temos o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza; temos direito a sermos diferentes quando nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2003, p.56).

Neste estudo trabalha-se com alguns conceitos fundamentais para a compreensão da temática a ser tratada, tais como: o conceito de bairro, vizinhança, classe social, favela, espaço público, estigma, sociabilidade e segregação socioespacial. A cidade foi analisada por diversos sociólogos clássicos como Max Weber e Georg Simmel. Enquanto Weber analisa a cidade como um tipo-ideal histórico, Simmel enfatiza as formas de interação entre os indivíduos metropolitanos.

O crescimento das cidades nos séculos XIX e XX trouxe consigo uma série de fenômenos desconhecidos até então, pelo menos em tal escala, como sub-habitação, delinquência, marginalidade, choque cultural, bem como problemas de planejamento urbano em geral. O desenvolvimento das cidades modernas causou um impacto significativo nos hábitos e nos modos de comportamento das pessoas. A vida na metrópole faz com que o indivíduo procure preservar sua individualidade diante das forças massificadoras (Simmel, 1967). O homem urbano torna-se reservado em relação aos demais, e muitas vezes nem conhece aqueles que, por muito tempo, são seus vizinhos.

Karl Marx, diferente de Weber e Simmel, não produziu um estudo específico sobre a cidade, mas suas investigações sobre as desigualdades do capitalismo, traduzidas pelo conceito de classe social, constituem ferramenta essencial para a compreensão dos limites à interação social nas metrópoles contemporâneas. Neste trabalho abordaremos o conceito de classe social a partir da sua tradução mais contemporânea por Bourdieu, que se inspira tanto em Weber quanto em Marx.

O conceito de segregação relaciona-se com o de classe social e com o de estratificação, uma vez que tenta compreender a expressão, no espaço, das desigualdades sociais. O estigma, como a classe social, introduz nas interações sociais uma separação entre os indivíduos e frequentemente vem reforçar as distâncias sociais, assim como a segregação social. Já os conceitos de bairro, vizinhança, favela, sociabilidade e espaço público dizem respeito aos contextos de interação presentes nos espaços da cidade. Para abordá-los lança-se mão de diferentes autores, com destaque para os pioneiros estudos da Escola de Chicago.

A escola sociológica norte-americana inicia-se no início do século XX e tem como principal preocupação o desenvolvimento urbano. Os estudos urbanos pioneiros vieram com o primeiro departamento em Chicago, com uma sociologia preocupada com os fenômenos urbanos. E, também, com problemas provocados pelo afluxo de grupos sociais heterogêneos e culturalmente diversificados. Os principais pesquisadores foram Robert Park, Louis Wirth e Ernest Burgess.

O intenso crescimento populacional na cidade de Chicago devido à imigração faz com que ocorra um aumento da criminalidade, delinquência e problemas estes, gerados pelo grande número de grupos heterogêneos e culturalmente diversificados ocupando o mesmo espaço social (COULON, 1995). Teve como primeira experimentação metodologias qualitativas no estudo do meio urbano, não existia nenhum manual próprio para o campo, era também utilizado o método quantitativo (produção de dados, ir a campo). Segundo afirma Freitas, as interações sociais passaram por três principais vertentes relembrando as obras dos principais estudiosos da sociologia de Chicago:

1) Trabalho de campo e o estudo empírico; 2) o estudo da cidade, a envolver problemas relativos da imigração, delinquência, crime e problemas sociais; 3) uma forma característica de psicologia social, oriunda, principalmente, do trabalho de Georg Herbert Mead e que veio a ser denominado interacionismo simbólico (FREITAS, apud FREITAS, 2003, p. 372).

Os estudiosos da Escola de Chicago realizam uma pesquisa empírica e apontam a sua fundamental importância, devido à precisão dos dados, “ver para crer”, o pesquisador parte dos dados para interpretar a teoria, a teoria vem a partir dos dados que são levantados. A Escola de Chicago é uma sociologia urbana, que realizou estudos empíricos sobre os problemas urbanos decorrentes da pobreza, da segregação, assim como sobre seus impactos na distribuição espacial dos diferentes grupos urbanos. Sua grande preocupação é de construir e produzir conhecimentos e divulga-los (1995). O que importa para os estudiosos da Escola de Chicago não é a cidade, mas as interações, uma sociologia do cotidiano.

Esses estudiosos desenvolveram dois conceitos relevantes e que merecem ser expostos aqui com atenção, mesmo que um deles tenha sido visto com descrédito e recebido algumas críticas, por ter sido extraído das ciências naturais, que é o caso da *Ecologia Urbana*. A abordagem ecológica, com a *Ecologia Urbana* e o outro conceito desenvolvido por Park e Wirth que realiza uma caracterização do urbanismo como “modo de vida”.

Como dissemos, o termo Ecologia urbana foi criado pelas ciências naturais para realizar um estudo sobre as plantas e organismos animais no ambiente, o que define assim o que é ecologia, que é usado para expressar problemas do meio ambiente. A Escola de Chicago busca uma aproximação com esse conceito ao interpretar a forma como se posiciona as populações e a distribuição dos vários e diferentes bairros no espaço urbano, esse significado atribui um sentido reducionista, pois simplifica as formas das relações sociais. O crescimento das cidades está relacionado ao avanço das grandes áreas urbanas que tendem a se desenvolver através do aumento da sociedade.

Ao falarmos do descrédito acima, é por se tratar de um conceito da biologia, mas tem sido repensado por vários autores como forma de reinterpretar e para realizar uma abordagem mais consistente, pois o conceito foi importante para estimular diversos estudos empíricos sobre as cidades e o aumento populacional.

Os *Modos de vida urbana* são as formas pelas quais implicam no modo distinto de vida de agrupamentos entre as pessoas, como migrantes trocam espaços simples por espaços complexos (Wirth, 1967). Segundo Wirth o modo de vida é dividido em três fatores: Volume, densidade e heterogeneidade da população. O volume é a capacidade de relacionamento entre os indivíduos favorecendo a condição de reserva e de anonimato, tornando as relações sociais mais superficiais. A densidade para o autor leva a diferenciação e a especialização entre as pessoas e os grupos sociais. A heterogeneidade é constituída de elementos que proporcionam uma maior condição de relacionamento entre os indivíduos, permitindo condições diferenciadoras e o estabelecimento de posições sociais homogêneas (1967).

Os estudos de Wirth tratam do urbanismo como *modo de vida*, explicando-o como forma de existência social ao invés de abordar as diferenciações internas da cidade.

Não há como avaliar completamente ou com precisão a intensidade com que o mundo contemporâneo pode ser definido como “urbano” pela proporção da população total que vive nas cidades. As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que indicaria a razão numérica da população urbana, pois a cidade não é apenas, cada vez mais, a morada e a oficina do homem moderno, mas o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural, que atrai as comunidades mais remotas do mundo para sua órbita e entrelaça diversas áreas, pessoas e atividades em um cosmos (WIRTH apud GIDDENS, 2005, p. 459).

Wirth aponta para o fato de que nas cidades, um grande volume de pessoas estão próximas uma das outras, mas sem que elas se conheçam, o que contrapõe com o que ocorre nas cidades pequenas interioranas, onde as pessoas convivem mais, relacionam-se com grande frequência, possuem mais intimidade e chegam a interferir diretamente na vida de seus

vizinhos. Wirth e Simmel muito se aproximam ao pensar o indivíduo na vida metropolitana, ao verificar que a maior parte do contato entre as pessoas nas grandes cidades são frágeis, curtos e parciais. As interações são estreitas como no caso da relação de um comerciante com seu cliente, quer dizer, por trás dessa relação existe uma finalidade.

Diante da exposição sobre a escola de Chicago pretende-se aqui dar sequência a esse estudo com uma reflexão sobre a cidade enquanto espaço de variadas possibilidades de estudo, a cidade como um laboratório social. Para nossa análise utilizaremos uma investigação sobre o comportamento dos indivíduos no espaço urbano, tendo como principal abordagem o conceito de vizinhança.

2.1 Os bairros e as relações de vizinhança na metrópole contemporânea

Quando se estudam as cidades, é importante conhecer como os grupos sociais se apropriam de seus espaços. No presente caso, interessa conhecer a apropriação dos espaços públicos e semipúblicos do bairro Sion.

Um bairro, na perspectiva sociológica, é muito mais do que uma definição político-administrativa - é uma demarcação de espaço por uma determinada população da cidade. Segundo Ramos (2002), o bairro é uma unidade de pertencimento do indivíduo, que o situa e o diferencia em relação a outros espaços da cidade. É com base no bairro que se desenvolve a vida pública, que se organiza a representação popular. Finalmente, mas não menos importante, o bairro tem um nome que lhe confere uma personalidade dentro da cidade (GEORGE, Apud RAMOS, 2002, p.65).

Diante disso buscamos, a partir de Gonçalves, uma distinção entre centros e bairros como forma de demonstrar as distintas valorizações e as formas de uso dos bairros e dos centros.

Falar das formas de coexistência dos habitantes na cidade e das suas práticas sociais implica, à partida, a distinção entre o centro e os bairros. Enquanto que o centro é tanto mais valorizado quanto mais aberto se apresentar a todos os tipos de população, de utilizações e de apropriações simbólicas, os bairros, ao contrário, são mais valorizados quanto à intensidade da significação e quanto à qualidade de utilização e de apropriação simbólica, sempre que sejam especificadas quer por um determinado tipo de população, quer por uma função particular, quer ainda pela conjunção destas duas características (GONÇALVES, 1988. P-16).

As delimitações das áreas da cidade por meio de bairros atuam sobre o sentimento de pertencimento, e as formas dos indivíduos de se situar nos espaços. Percebe-se que o bairro

não abrange todas as relações dos indivíduos, mas é um local onde acontece parte significativa de suas atividades cotidianas. De acordo com Antônio Candido (2001):

(...) além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o sentimento de localidade existente nos seus moradores (...). ‘O que é o bairro?’ Perguntei certa vez a um velho caipira (...) ‘Bairro é uma naçãozinha.’ Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente de outras. A convivência entre eles decorre da proximidade física e da necessidade de cooperação. (Candido, 2001, p. 84).

Para Candido (2001), o bairro é um fenômeno que modifica a vida do caipira com sua incorporação progressiva à cultura urbana. Caracteriza-se pelo rompimento da paisagem social e econômica, capaz de definir e estabelecer uma mudança em relação ao bairro e à moradia segregada. *“Um grupo que se sentia equilibrado e provido do necessário à vida, quando se equiparava aos demais grupos de mesmo teor, sente-se bruscamente desajustado, mal aquinhoado, quando se equipara ao morador das cidades”* (CANDIDO, 2001, p.272).

Segundo o autor, as relações de vizinhança são estabelecidas nas interações pessoais, por meio de uma estrutura intermediária, onde é definido o modo de vida que se configura nas relações básicas. A forma de solidariedade é estabelecida principalmente nos espaços mais simples e humildes, onde se percebe que as pessoas são mais unidas, tornando o indivíduo mais forte, ao interagir e ter contato com os iguais, com as pessoas que moram próximas e possuem estilo e trajetórias de vida semelhantes, o que evita o isolamento social.

Do ponto de vista sociológico, o que faz do bairro um objeto de estudo relevante são as interações sociais, denominadas relações de vizinhança. Robert Park, da Escola de Chicago, considera as relações de vizinhança como uma das formas mais elementares de interação. Para ele, a cidade não é vista só como uma estrutura geográfica e ecológica, mas também como um espaço que abriga organizações econômicas e a divisão do trabalho. Park realizou estudos empíricos sobre os problemas urbanos decorrentes da pobreza e da segregação, assim como seus impactos na distribuição espacial dos diferentes grupos urbanos. A cidade revela em seus espaços os hábitos e costumes das pessoas que a habitam (PARK, 1967).

Park analisa a vizinhança como *“um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais”* (PARK, 1967, p.29). A idéia de vizinhança pressupõe a proximidade física e social entre os moradores e está mais presente em cidades pequenas, nas quais existem interações mais fortes entre as pessoas.

A vizinhança é uma unidade social que, por sua clara definição de contornos, sua perfeição orgânica interna, suas reações imediatas, pode ser justamente considerada como funcionando à semelhança da mente social. A vizinhança existe sem uma organização formal. A sociedade de aperfeiçoamento local é uma estrutura erigida nas bases da organização de vizinhança espontânea e existe com o propósito de dar expressão ao sentimento local face a assuntos de interesse local (PARK, 1967, pág. 35).

Segundo Park, a vizinhança se enfraquece em função das formas com que as pessoas se diferenciam e se relacionam nos espaços urbanos. Nas grandes cidades, as relações de vizinhança são mais fluidas e passageiras, devido à rápida transformação da vida metropolitana, que possibilita ao indivíduo ser mais livre e depender cada vez menos do outro.

Contemporaneamente, a vizinhança tem sido estudada a partir da avaliação dos seus efeitos. Os estudos de Sampson são um exemplo desse tipo de abordagem. Em "Networks and neighborhoods: the implications of connectivity for thinking about crime in the modern city", Sampson (2004) aborda a relevância da vizinhança e das redes de contatos nos estudos do crime. Ele avalia como as comunidades urbanas, compostas por uma densa rede de relações pessoais, influenciam nas taxas de crime nas vizinhanças. Uma vizinhança formada por uma estreita ligação entre os vizinhos tende a ser mais segura, uma vez que possui um "estoque de rede social" (SAMPSON, 2004). Uma das questões importantes salientadas pelo autor é que esta rede social pode ser utilizada com intenções ilegais e violentas, como por exemplo, as gangues americanas e o tráfico de drogas no Brasil.

Sampson, Morenoff e Rowley (2002), começam o artigo *Assessing "Neighborhood Effects": Social Processes and New Directions in Research*, avaliando duas preocupações: a primeira como os pesquisadores definem as comunidades locais (o que é uma vizinhança?) e a segunda os padrões que persistem e caracterizam a diferenciação residencial (desvantagem concentrada, status, estabilidade residencial, densidade, heterogeneidade étnica e outras). Dessa forma, os autores analisam a importância das tradicionais características estruturais no que se refere aos efeitos da vizinhança, bem como a influência das interações sociais.

"Os Estabelecidos e os Outsiders" de Norbert Elias e Scotson (2000) é outro estudo clássico sobre as relações de vizinhança. Para os autores, denominam-se estabelecidos ou insiders aqueles que são originários ou habitam a localidade há mais tempo e, por isso mesmo, exercem uma relação de poder em relação àqueles que passaram a habitar a região numa época mais recente. Se para Elias e Scotson a fonte de poder de um grupo em relação ao outro estava na diferença de tempo de moradia, em nosso estudo a fonte está no maior poder econômico dos moradores do Sion, uma vez que a favela antecede o bairro.

Segundo Gonçalves (1998), os bairros tornam-se mais valorizados pelos indivíduos de acordo com suas intensidades de significação e com a qualidade de utilização e de apropriação simbólica. O espaço dos bairros caracteriza-se por seus usos e funções específicas: comerciais, exclusivamente residenciais, entre outras. Esses locais são capazes de mostrar a identidade, valores, estilos de vida, mas também os processos de exclusão social de um grupo em relação a outro.

Morar próximo fisicamente, ser vizinho, não acarreta necessariamente uma relação social. Também não é preciso morar perto para estabelecer contatos e laços sociais. Segundo Simmel, a condição de reserva que os indivíduos das grandes metrópoles compartilham, proporciona a capacidade de nem sequer conhecer ou mesmo falar com as pessoas que estão próximas. (SIMMEL, 1967).

A fragilidade desses laços dificulta as relações face a face nas grandes cidades. Gonçalves, em seu estudo, propõe uma definição para o que seria um bom vizinho, destacando diferentes concepções:

“A definição do que é um ‘bom vizinho’ não é a mesma em todos os meios sociais: para uns, supõe a porta permanentemente aberta, com a possibilidade constante de trocas mútuas de serviços; para outros, o bom vizinho é aquele que se saúda esporadicamente, aceitando a eventualidade de serviços recíprocos excepcionais; um bom vizinho é aquele com quem se partilham certas atividades mais ou menos regulares de cultura e lazer” (GONÇALVES, 1988, p.23).

Kaztman (2001), ao analisar a vida nos bairros populares, aborda o “efeito vizinhança” ou “efeito bairro”, juntamente como um fenômeno do isolamento social, que ele verifica em relação aos bairros de baixa renda. A segmentação observada no trabalho e nos serviços como os de saúde, educação, transporte entre outros, somada à segregação socioespacial, isola cada vez mais os pobres dos outros grupos sociais, com consequência perversa para a mobilidade social e a integração à sociedade.

Dando sequência aos conceitos de bairro e vizinhança, entra-se no conceito de segregação gerada a partir da convivência de grupos distintos dividindo um mesmo espaço social.

A segregação está presente na maioria das grandes cidades brasileiras e refere-se à separação social e física dos indivíduos. Esse afastamento espacial e, portanto, residencial, faz com que os indivíduos não interajam espontaneamente com grupos diferentes nas cidades (RIBEIRO, 2003). A segregação é a separação espacial dos grupos na cidade, em relação às

suas diferenças econômicas, sociais, étnicas e raciais. Trata-se de uma divisão hierárquica, que condiciona as possibilidades e oportunidades dos grupos sociais para uma melhor qualidade de vida. Trata-se de um fenômeno relacional: a segregação de um grupo, ou seja, a sua concentração em um determinado espaço contrasta com a segregação de outros grupos em outros espaços da cidade.

Em Belo Horizonte (MENDONÇA, 2003), como em outras cidades brasileiras (CALDEIRA, 2000), predomina o padrão de segregação centro-periferia, uma estrutura que se consolidou a partir da década de 70. Em termos sintéticos, esse padrão se caracteriza pela concentração dos estratos com maior poder aquisitivo nas áreas centrais e mais bem dotadas de infra-estrutura urbana, e os mais pobres nas periferias distantes e precárias.

No entanto, em muitas cidades brasileiras a área central abriga também algumas favelas. Então, se no nível macro, podemos dizer que em Belo Horizonte predomina o padrão centro/periferia, no nível micro assiste-se a outro tipo de segregação, com pobres e ricos residindo próximos, mas com uma diferenciação muito grande na forma de ocupação dos espaços, como podemos observar na vizinhança entre bairros de classe média/alta e favelas.

Para Ribeiro (2001) a fragilidade social e as dificuldades estruturais, como o capital cultural e as condições de moradia da população mais pobre, advêm das relações familiares e das dificuldades geradas pela segmentação do mercado de trabalho, estando assim ligada diretamente à vulnerabilidade social que leva à segregação sócio-territorial e ao isolamento social dos mais pobres. O autor associa ao efeito vizinhança as redes sociais, a socialização coletiva, exposição ao crime, a violência, a distância e o isolamento social. A questão da vulnerabilidade social desses grupos aponta para “a incapacidade de uma pessoa ou de um domicílio para aproveitar-se das oportunidades, disponíveis em distintos âmbitos sócio-econômicos, para melhorar sua situação de bem-estar ou impedir sua deterioração” (KAZTMAN, 2000, p.7).

De acordo com Mendonça (2003), a segregação ocorrida nos espaços ocupados por grupos de alta renda é marcada por uma maior heterogeneidade social. Isto se explica pelo fato de que as áreas ricas tendem a atrair um público com menor nível socioeconômico e baixa qualificação, principalmente em busca de empregos.

As pessoas com maior poder aquisitivo se distinguem em relação a outras no espaço social de acordo com aquilo que possuem, mas também pelo local onde mora, daí Bourdieu cunhar para os grupos de mais alta renda a expressão “consumo ostentatório do espaço” (BOURDIEU, 1997).

(...) o espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos confusa: o poder sobre o espaço que a posse do capital proporciona, sob suas diferentes espécies, se manifesta no espaço físico apropriado sob a forma de uma certa relação entre a estrutura espacial da distribuição dos agentes e a estrutura espacial da distribuição dos bens ou dos serviços, privados ou públicos (BOURDIEU, pág. 160; 1997).

Atualmente muitas favelas e bairros periféricos das grandes cidades brasileiras foram ocupados pelo tráfico, o que fez aumentar o medo, a insegurança e a estigmatização desses espaços, já discriminados pela pobreza, tudo isso contribui para reforçar a segregação, o isolamento e a distância social (CALDEIRA, 2000).

Caldeira (2005), quando questionada se nos dias de hoje existe um aumento da segregação e da tensão social, disse: “Dados como a falta de perspectivas, as péssimas condições de vida, o desemprego, as poucas possibilidades de mobilidade social, consumo exacerbado, juntamente com a questão racial (...) criam uma situação explosiva...” (Entrevista Folha de São Paulo, Caderno Mais! 13 de novembro de 2005).

Nas últimas décadas pôde ser observado um grande interesse acadêmico sobre o desaparecimento dos espaços públicos e sobre a morte ou não desses espaços. Essa discussão tem sido abordada por vários autores como Hanna Arendt (1999), Richard Sennett (1998) e Rodrigo Salcedo Hansen (2002). O individualismo contemporâneo e a busca por privacidade e isolamento vêm acompanhados pelo medo e a insegurança que cercam as grandes cidades brasileiras, o que acarreta uma mudança nas relações com os espaços públicos, levando assim a uma procura por lugares fechados e protegidos como os shoppings centers e condomínios fechados (ANDRADE, 2007).

Muitas são as discussões realizadas em torno da questão dos espaços públicos e as condições de segregação geradas pelas diferenças socioeconômicas, que permeiam a sociedade urbana contemporânea. Os espaços urbanos como as praças apresentam um aspecto de interesse social e histórico, que as fazem não ser consideradas apenas como áreas livres. São espaços sociais que apresentam significados, que devem ser vistos e analisados a partir de seus usos diários e das representações construídas pelos seus frequentadores.

Arendt (1999) retratou as diferenças entre o público e o privado, entre o que deve ser mostrado e o que deve ser escondido. Assim a autora distingue a esfera pública da esfera privada. A primeira pode ser compreendida na modernidade como significativo instrumento de sociabilidade, já a esfera privada compreende as dimensões da família e da casa.

Para Sennett (1998) os espaços públicos, nos dias de hoje, podem ser definidos como um local aberto que pode ser observado e utilizado por qualquer pessoa que por ele transite. Já

o privado é uma área protegida e fechada da vida, um espaço privilegiado que é estabelecido pelas relações pessoais como família e amigos.

Os espaços públicos revelam as condições de sociabilidade, que permitem a formação da identidade e da memória coletiva dos grupos no seu cotidiano (ANDRADE, 2007). A vida na maioria das grandes cidades, nos dias de hoje, vem passando por um aumento da criminalidade e de insegurança o que só reforça a segregação e influencia a percepção que as pessoas possuem a respeito dos espaços públicos. Ou seja, as praças refletem as consequências do aumento da insegurança, da segregação socioespacial e da segmentação presentes hoje na sociedade, na medida em que os grupos sociais tendem a viver apartado nos espaços, nas instituições e nos serviços públicos, como escolas, serviços de saúde, transporte, entre outros.

O espaço público da praça que será aqui estudado remete-nos à Ágora ateniense, que representava o centro dinâmico da polis grega. Era o lugar da vida cotidiana dos homens, onde os negócios eram realizados, apesar de em algumas ocasiões ocorrerem nestas localidades alguns rituais sagrados. Embora tal fato ocorresse, o local essencialmente reservado para as atividades sagradas era a Acrópole. Portanto, a Ágora era o lugar de reuniões seculares, onde várias atividades aconteciam ao mesmo tempo. Era o espaço ligado à vida cotidiana e às suas práticas mais variadas. (TAVARES, 2003).

Já no Império Romano, percebe-se uma vida bastante diferente do cotidiano ateniense. O Fórum é o mercado comum de Roma, símbolo do encontro entre as diversas tribos estrangeiras que formaram o império e o centro da vida pública. Assim como a Ágora, o Fórum é uma grande praça aberta, localizada no centro da cidade. O que mais diferencia a vida romana da ateniense são populações muito maiores e a inclusão de estrangeiros como cidadãos. Ocorrem jogos (comparável ao ambiente de lazer de uma praça contemporânea), comércio e assembléias políticas. (SENNETT, 1998)

Em *O Declínio do Homem Público*, Richard Sennett (1998) se propõe a demonstrar as origens do declínio contemporâneo da vida pública e da substituição da paixão política pela conformidade, gerando uma crescente valorização da vida privada. A tese defendida é a de que os sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e de uma vida pública esvaziada ficaram incubados por muito tempo, sendo resultantes de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime, com a Revolução Francesa, e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista.

As novas e rápidas transformações socioeconômicas advêm de problemas “práticos” urgentes, ligados ao enorme crescimento das grandes cidades que acompanha a

industrialização e o desenvolvimento capitalista, questão essa que vem sendo discutida com acentuada preocupação pela Sociologia Urbana. Tais mudanças se fazem sentir também nos espaços das cidades, principalmente nas grandes metrópoles. A partir desse raciocínio, surge a idéia de que a cidade é um objeto privilegiado de estudo. A metrópole passa a ser o campo fértil para a compreensão da realidade social e sua dinâmica.

Os espaços públicos caracterizam-se por possibilitar o encontro e o sentimento de pertencimento aos bairros e as cidades. Em tais espaços não é necessário pagar ou consumir, e podem ser utilizados a qualquer momento, por pessoas de distintas classes sociais, idades ou sexo.

Os cidadãos necessitam de espaços públicos que garantam maior integração, encontros, relações sociais e lazer. É comum que os bairros possuam espaços públicos de caráter natural, como parques e praças com áreas verdes e equipamentos comuns a todos. O homem citadino demanda, além de habitação, saúde e infraestrutura urbana, espaços nos quais possa ter seus momentos de lazer, privacidade ou mesmo de isolamento de contato direto com a rotina de suas moradias.

O específico da metrópole segundo Simmel (1967) é que o homem desenvolveu a capacidade de estar distante do próximo. Numa pequena cidade dois homens sentados em um mesmo banco, seja numa praça, seja em um ônibus, se sentiriam na obrigação de interagir. Na metrópole não é o que acontece. As pessoas possuem laços fluidos, não sendo obrigadas a interagir face a face nos espaços da cidade. Os espaços públicos se definem como abertos a todos daí a sua natureza pública. No entanto os seus usos cotidianos ou suas apropriações por diferentes grupos sociais revelam as tensões e os conflitos.

Evidenciamos, assim, uma dimensão pouco estudada dos espaços públicos: as relações de poder, ou seja, o espaço público como um lugar onde o poder se exerce e se exercita (SALCEDO, 2002). Os espaços de fronteira urbana são lugares de contraste caracterizados pela sua apropriação por grupos sociais distintos. Em decorrência disso é comum que os usos sejam diferentes, ou mesmo alternados no tempo. Normalmente eles não favorecem os vínculos fortes.

Para Salcedo (2002), o espaço público cria uma complexa experiência de vida, uma interação de pessoas com diferentes propósitos e que transformam esses espaços de acordo com os seus usos. Já as interações que ocorrem nos novos enclaves pseudopúblicos, lugares esses que procuram conter e controlar os diversos setores sociais, não tem as mesmas características daquelas que ocorrem nos espaços públicos abertos.

Os enclaves fortificados definidos por Caldeira (2000), como espaços privatizados e fechados, como os shoppings centers e os condomínios fechados são típicas dessa época de insegurança e de retração da vida pública moderna. Na medida em que afasta os grupos sociais com condições econômicas diferentes. Dessa forma nos deparamos com o conceito de estigma, exatamente por tratarmos dos distanciamentos e os artifícios de utilizados nos espaços de acordo com as condições sociais das pessoas.

O conceito de estigma que será utilizado no decorrer desta investigação será o mesmo adotado por Goffman em sua obra “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (1982). Para ele, o estigma refere-se à “(...) *situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena*” (GOFFMAN, 1982, p. 7).

Goffman considera como estigmatizante qualquer característica, não necessariamente física ou visível, que não se incorpore ao quadro de expectativas sociais acerca de determinado indivíduo. Para o autor, o indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade social real inclui qualquer atributo que frustra as expectativas, o que pode diminuir suas chances de relações sociais e distanciá-lo socialmente (GOFFMAN, 1982).

O fundamental neste caso é apresentar, numa perspectiva goffmaniana, como o estigma, é produzido na interação dos indivíduos. Para o autor é na idéia de identidade que se firma a diferença entre o que ele denomina de identidade social virtual, que representa o que esperamos que uma pessoa *deva ser*, e a identidade real social, baseada nos atributos que a pessoa *realmente possui*. Goffman também mostra como as identidades individuais são marcadas pelas diferenças, inclusive em relação aos estigmatizados, ou seja, o rótulo do estigma afirma a “normalidade” daquele que rotula (GOFFMAN, 1982). Em decorrência do estigma é comum que as interações sociais entre as pessoas nos espaços sejam fracas e frágeis em decorrência de um sentimento de insegurança dos estigmatizados e pelo receio de nunca saber se serão aceitos pelos “normais”, ou se apenas serão reconhecidos pelos seus atributos estigmatizantes.

Heinich ao analisar a obra de Norbert Elias mostra o estigma como um obstáculo ao desenvolvimento do indivíduo, aprisionando-o nas redes das significações sociais, como atitudes, preconceitos, estereótipos. Dessa maneira, uma estigmatização territorial é a que mantém as pessoas submetidas a uma condição de confinamento no espaço, que acaba por legitimar a diferença e, conseqüentemente, a exclusão (HEINICH, 2001).

A definição da identidade coletiva de Heinich (2001), ao analisar Elias, passa pela construção de referências imaginárias, o que possibilita diferenciar-se de outro grupo constituído como inferior.

A estigmatização, como aspecto de uma relação instalados/marginais, é geralmente associada a um tipo específico de fantasia coletiva elaborada pelo grupo estabelecido. “Ao mesmo tempo em que justifica a aversão, ele reflete o preconceito que seus membros sentem em relação aos outros do grupo excluído” (HEINICH, 2001, P.51).

A preocupação de apresentar o conceito de “estigma” deve-se a escolha de se analisar as relações que se estabelecem entre os estigmatizados, em nosso caso aqui tratado, os moradores da favela do Acaba Mundo, em relação aos moradores de classe média alta do bairro Sion.

O conceito de sociabilidade, também fundamental neste estudo, será tratado como uma relação social entre pessoas que compartilham interesses comuns, o que, segundo Simmel (1967), ocorre entre os iguais. A sociabilidade é a capacidade de designar a qualidade de uma pessoa que procura a companhia dos outros e que gosta de viver em sociedade. Para falar em sociabilidade podemos nos apoiar em Georg Simmel, um dos primeiros autores a pensar como a cidade pode afetar a sociabilidade.

A constante "transformação" exterior e interior obriga a pessoa urbana a um crescente processo de individualização. Tal procedimento, segundo Simmel, “... levaria a uma subjetividade altamente pessoal que, no limite, levaria à dissociação, à indiferença para com os demais e ao sentimento de solidão. Novamente a cidade deletéria”(Simmel, 1967, p. 21). Para o autor essa mentalidade urbana está inserida em um mecanismo de defesa, que criam as esferas de liberdade pessoal.

(...) um dos conceitos que permitem aprofundar a compreensão do modo como se organiza a sociedade através de uma associação básica é justamente o de *sociabilidade*, um tipo ideal entendido como ‘social puro’, forma lúdica arquetípica de toda socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesse ou objetivo que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais (FRÚGOLI, 2007, p. 9).

De acordo com Simmel (1967), a sociabilidade não está só no indivíduo, nem na sociedade em si. Todo o seu foco está direcionado para a interação entre esses dois pólos: a produção da sociedade a partir dos indivíduos e a conformação permanente dos indivíduos pela sociedade, o que para o autor constitui o vínculo social.

A sociabilidade traduz bem a constante mobilidade e as múltiplas ações recíprocas de uns com os outros. A partir da sociedade é que os indivíduos se diferenciam para aumentar o sentido coletivo, ou para marcar suas características e individualidade própria. A sociabilidade abrange uma totalidade de interações sociais. Segundo Simmel (1967), a sociedade não é uma estrutura fixa, quer dizer, fora da consciência dos indivíduos que a compõem.

Simmel (2006) analisa o conflito presente entre indivíduo e sociedade, ao apontar, que mesmo aqueles que reconhecem somente nos indivíduos a “vida autêntica”, e identificam na sociedade seu membro individual, não podem negar o conflito existente entre os dois, pois a sociedade, segundo o autor, é inerente ao indivíduo, e diante dessa constatação o ser humano ao se dividir em partes, como propõe Simmel, tem em seu *eu* um lado que se choca com outras partes de acordo com a determinação de suas ações individuais, que fazem com que se sinta um ser social. Nesse momento em que o autor demonstra a relação conflituosa dos impulsos do *eu* individual com o social.

Essa perspectiva de conflito entre o social e o individual é a todo momento colocada em prática, pois o indivíduo não deixa de desejar ser centrado em si mesmo e não apenas ajudar a sociedade a se tornar plena. O autor quer apresentar o lado individual ao querer desenvolver a totalidade de suas capacidades, sem deixar de lado exigências vindas através da sociedade (SIMMEL, 2006).

Deparamo-nos a todo instante com questões da vida cotidiana que obriga o indivíduo a ser capaz de realizar vários papéis diferentes na sociedade, como as formas sociais de se manterem na mesma. A relação do indivíduo de pertencer a vários grupos distintos na sociedade vem a proporcionar uma capacidade diversa de representação do indivíduo.

O egoísmo individual versus a autoperfeição individual é um ponto importante do autor, que consideramos relevante apresentar. O autor apresenta o indivíduo egoísta em contraposição ao altruísta como aquele que deseja atribuir à sociedade uma relação que seja adequada a um conjunto, e que constantemente possa relacionar-se de uma maneira dura e incompatível com o valor objetivo. O indivíduo possa dessa forma, exigir de si mesmo tal compatibilidade. O que só poderia ocasionar uma ambição puramente egoísta e outra puramente social (SIMMEL, 2006).

2.2 As relações de fronteira: Um “entre - lugar” social

Nos últimos anos, os estudos sobre fronteira ganharam maior espaço nas Ciências Sociais, como uma temática central e importante em pesquisas a respeito das identidades coletivas, e das desigualdades de gênero e classe.

Para este estudo é importante deter-se na construção e no estabelecimento das fronteiras, quando será possível perceber suas dimensões físicas e sociais. Portanto, recorre-se primeiramente ao conceito de fronteira e *entre – lugar* de Homi Bhabha.

Para Bhabha, a fronteira não é onde tudo termina e sim onde o conflito começa, é exatamente no *entre – lugar* que as diferenças se encontram e se chocam (BHABHA, 1998). Pode-se entender o termo fronteira como uma faixa ou um obstáculo estabelecido com o propósito de separar povos ou pessoas que vivam em contraste. A fronteira pode ser uma linha imaginária capaz de separar duas realidades distintas. É percebida como um limite cambial, termo esse que pode ser identificado a partir de um aspecto de troca, uma forma de fazer uma referência a coisas que não permanecem no seu lugar, que estão em “fluxo”, como algo que se modifica de acordo com o tempo.

Para Hannerz (1997), o fluxo remete a algo contínuo e de passagem. O autor define também o conceito de “limite” com o propósito de caracterizar as relações dos espaços e suas diferentes formas de apropriação. Por limite entende-se uma linha clara de demarcação, em relação à qual uma coisa ou está dentro ou está fora. A relação de fronteira pode ser identificada através das diferenças culturais, que podem tanto ser consensuais quanto conflituosas, segundo Bhabha (1998); as fronteiras podem confundir as nossas definições, realinhar marcas habituais que existem e desafiar expectativas normativas.

Ao identificar, nas cidades brasileiras, esses espaços intersticiais de fronteira, a questão que adquire relevo é a dos limites vistos com os domínios de grupos sociais (BAPTISTA 2003). E isto leva à questão da mobilidade social. Muitas vezes ela é interdita nesses espaços de fronteira, enfatizando uma disputa e uma concorrência entre grupos distintos pela ocupação e utilização do espaço. Portanto, é importante também abordarmos o conceito de classe social, tendo em vista seu poder de separar dois grupos socialmente diferentes. Como argumenta Bourdieu (1997), para a construção da classe real é necessário pensar o espaço social e a classe como representação da vontade.

No ponto de partida é a teoria weberiana de estratificação social que melhor nos auxiliará a compreensão. Weber (2004) desenvolve uma visão tridimensional da estratificação (econômica, social e política). Estratificação social é uma definição sociológica estabelecida para descrever as desigualdades sociais existentes entre indivíduos e grupos de uma sociedade. Weber (2004) preocupa-se no seu estudo em pensar a estratificação não somente em uma perspectiva econômica de apropriação de bens e propriedades, mas também em outras dimensões, como status e partido.

A forma desigual pela qual os indivíduos usufruem os bens está relacionada à posição que eles ocupam dentro da sociedade, qual a capacidade que um determinado sujeito possui de mobilidade social, de transitar por vários grupos e espaços diferentes. Tudo isso está relacionado, de acordo com Weber, à importância da especialização e da “*oportunidade de*

vida” (FREUND, 2006). O indivíduo que possui maior posição social e melhor qualificação pode adquirir maior status. Segundo Weber, a estratificação social vai muito além da definição de classe. Então, o autor chama a atenção para dois aspectos: status e partidos. Nesse caso, o status está voltado à relação de honra e prestígio. O partido é definido como uma forma de organização onde indivíduos buscam interesses comuns (GIDDENS, 2005).

Dessa forma, a estratificação social pode ser definida como uma forma de desigualdade entre diferentes grupos de pessoas, e pode ser dividida em quatro sistemas: escravidão, casta, estamentos e classe (GIDDENS, 2005). As desigualdades são essencialmente sociais, não se referem apenas a uma estratificação econômica, mas também a um caráter qualitativo como no caso do prestígio, política e nas relações sociais (WEBER, 2004).

Nesta investigação abordou-se apenas a definição de classe social. A classe social pode ser pensada como um conjunto de pessoas que compartilham de interesses comuns, como um agrupamento de indivíduos que se relacionam de forma semelhante quando expostos a tipos de constrangimentos em condições semelhantes. Pode ser econômica, social ou política (WEBER, 2004). No caso aqui estudado, há uma proximidade física de dois grupos pertencentes a classes sociais distintas, como se mostrará posteriormente. Essa diferença é o principal limite da interação entre esses dois grupos e está na base da construção das fronteiras entre eles, seja a fronteira física, explicitada na forma de ocupação do espaço e de suas moradias, ou a fronteira social, sustentada na distância social que existe entre os dois grupos. O conflito é gerado exatamente pelas relações de poder, riqueza e prestígio (WEBER, 2004).

Conflito para Simmel (1983) está relacionado a uma forma social. O conflito pode criar momentos de construções e destruições, nas relações e interações sociais. “*Admite-se que o conflito produza ou modifique grupos de interesse, uniões, organizações. (...) é uma forma de sociação*” (SIMMEL, 1983, p.122). A sociedade tem uma necessidade de sociação como também de competição, e o conflito está presente nas formas de regulação que perpassam a estrutura de grande número de formas sociais (famílias, partidos, igrejas etc.).

Entre os vários tipos de conflito, existem aqueles que são ocasionados pelas diferenças sociais dos atores em interação. Para Vianna (2006), a vida social é uma constante negociação devido às diferenças geradoras de conflitos de todos os tipos. Para ele, esses conflitos muitas vezes podem passar despercebidos ou podem ser “transformados em segredo”.

“As formas de interação entre elite e classes populares são muito variadas e formam feições muito diferenciadas dependendo da época histórica ou mesmo do bairro em que ocorrem. Essas relações quase sempre dependem da existência de mediadores que circulam entre os vários grupos sociais, colocando em contato diferentes visões de mundo” (VIANNA, 2006, p. 5).

As relações sociais entre indivíduos nesse ambiente social são segmentarias, utilitaristas e transitórias, formando uma coletividade caracterizada pelo consumo, fragmentação, pelo excesso de estímulos, conflitos de identidades, dentre outros. E se tratando da sociedade brasileira existem fatores como estratificação social e hierarquia que influenciam diretamente nas relações sociais entre indivíduos. Dizer que uma sociedade é hierárquica significa que essa possui um “sistema de classificação” em que os indivíduos são marcados por categorias extensivas e classificadas a partir de sua “localização” na estrutura social de uma sociedade, que na análise de DaMatta de “forma binária”, ou seja, de um lado “superiores” – devido, principalmente, a condição socioeconômica – de outro “inferiores”:

“Cada um no seu lugar – Hierarquia e Autoridade. Num mundo que tem de se mover obedecendo às engrenagens de uma hierarquia e que deve ser como algo natural...O mundo tem de se movimentar em termos de uma harmonia absoluta, fruto evidente de um sistema dominado pela totalidade que conduz a um pacto profundo entre fortes e fracos – relação de inferior e superior” (DAMATTA, 1997, p.184).

2.3 As relações entre a população de baixa renda e sua moradia: a favela

As favelas, por vários anos, foram vistas como regiões urbanas de baixa qualidade de vida e cujos moradores possuem limitado poder aquisitivo. Áreas com edificações inadequadas, muitas vezes apertadas e situadas em locais de risco como nas encostas de morros, com precárias condições de infraestrutura e saneamento básico.

A favela é vista segundo Valadares (2005), como o local da pobreza e das diferenças em relação àqueles que estão fora dela, mas o que vem ocorrendo é uma transformação quanto a essa perspectiva de que o pobre só vive na favela, e que este é o território exclusivo deles.

Os aspectos da construção e os padrões urbanísticos da favela a aproxima do imaginário da pobreza e da baixa renda. Esses aspectos ganham mais destaque através do contraste com os bairros. A favela é um espaço a parte localizada dentro do bairro. Tal fato leva alguns moradores da favela dizer que moram no bairro e não na favela, temendo certa

“contaminação” decorrente do estigma do local de moradia (RIBEIRO, CRUZ E MARBELA, 2003).

A presença de duas populações distintas em um território social e simbolicamente diferente, gera alguns efeitos em relação as práticas de utilização dos espaços públicos, como estratégias de desclassificação social e de estigmatização como violência simbólica e de isolamento social. A proximidade espacial com os bairros de classe média/alta, urbanisticamente organizados e que dispõem de equipamentos, produz um forte contraste social que serve de evidência auto-demonstrada da existência das duas realidades sociais o bairro e a favela (RIBEIRO e LAGO, 2001).

As favelas localizadas em áreas com maior poder aquisitivo fogem dos padrões estabelecidos, como a falta de estruturas, de oportunidades e de acesso, o que ocorre em muitos bairros populares. Segundo Kaztman (2007) a fragilidade dos vínculos com o mercado de trabalho é outro fator que proporciona um maior isolamento.

A aproximação da favela com os bairros de classe média/alta, como no caso do Sion em Belo Horizonte, mostra uma colisão entre “asfalto” e favela que poderia ser levada a outras consequências. Os dois grupos diferentes usufruem dos mesmos espaços de consumo supermercados, farmácia, lojas e etc.

As sociedades sempre trataram a favela como um ‘problema’, definindo assim sua condição de ilegal e/ou irregular. Intrinsecamente seus moradores são considerados marginais por ocuparem a cidade deste modo ilegal. Segundo Machado Silva a favela tem conseguido se firmar com muita cautela, o que tem sido problemático são as condições das pessoas os ‘favelados’.

(...) a favela venceu. Mas e os favelados? (...) [permanecem] portadores de uma cidadania restrita, hierarquizada e fragmentada (...) a ‘vitória da favela’ ocorreu à custa da constituição de uma categoria social subalterna, cuja intervenção na cena pública, duramente conquistada, não mexeu no padrão de sociabilidade urbana, pouco alterando sua posição relativa na estratificação social e seu papel como força social (MACHADO SILVA, 2002).

Os moradores da favela não são os proprietários legais, porém a ocupação torna-se cada vez mais legitimada pelo próprio poder público. Sem condições e soluções viáveis de resolver a falta de moradias, o poder público mantém programas de urbanização de favelas. Os moradores lutam pelo direito de concessão real de uso, o que tem ocasionado problemas sérios com os moradores de classe média/alta, pois a existência das favelas desvaloriza a terra das proximidades (RODRIGUES, 1988).

3. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA: SION E VILA ACABA MUNDO

A primeira divisa foi riscada no terreno pelo primeiro ser que compreendeu sua posição em face do semelhante mais próximo. Da propriedade individual passou à soberania coletiva, isto é, à casa, à cidade, da cidade à província e desta ao país. Tudo tem limites, raias, lindes, cercas, muros ou designação outra que vise as características das posses materiais, de alguém, homem ou entidade social (GOYCOCHEA apud KRUKOSKI, 2009).

Este capítulo divide-se em três partes. Na primeira parte realiza uma apresentação da cidade de Belo Horizonte como uma cidade planejada e construída a partir de uma nova concepção urbanística colocada em prática pelo engenheiro Aarão Reis já utilizada em outras cidades européias e americanas

A segunda parte aborda a origem da favela do Acaba Mundo e suas principais características a partir de informações obtidas no Plano Global Específico, elaborado pela prefeitura de Belo Horizonte, com o propósito de conhecer melhor os desafios e necessidades das favelas, visando futuras intervenções.

A terceira trata da origem do bairro Sion, como um lugar de difícil acesso até os dias de hoje com seu crescimento, desenvolvimento e valorização.

3.1 Belo Horizonte, cidade planejada e administrativa.

Belo Horizonte foi construída para ser sede administrativa e deveria abrigar funcionários da máquina administrativa e a elite estadual. O centro administrativo foi planejado para privilegiar a zona urbana, e o preço dos lotes e construções deveria seguir padrões estabelecidos, o que muito os encarecia, elitizando a zona urbana. Os trabalhadores que participaram da construção só tinham como opção de moradia as zonas suburbanas, ou então a ocupação irregular de alguns espaços que deram origem às primeiras favelas da cidade. A primeira zona operária situava-se nos limites da zona urbana, onde hoje encontramos o Barro Preto. Constata-se por meio dessas zonas que, desde o seu plano inicial, Belo Horizonte hierarquizou socialmente o seu espaço.

A cidade é circundada por uma avenida que faz o contorno da região central, fechando as localidades com melhor infraestrutura urbana dentro de seu perímetro. No seu interior habitariam os funcionários da administração pública, a elite intelectual e as classes mais ricas. Em uma região estratégica foi projetada uma praça que abrigaria o palácio do governo estadual e, à sua volta, todas as secretarias. Considerou-se essa praça, chamada Praça da

Liberdade, como o marco zero da capital. Os lotes e as construções da zona urbana eram caros e proibitivos para aqueles que não pertencessem às citadas elites. Como consequência, os trabalhadores foram levados para a periferia, ou zona suburbana. Além desses dois setores, criou-se um cinturão verde, onde se localizariam chácaras para o abastecimento da cidade. Mas alguns membros da elite da cidade, já vislumbrando seu futuro crescimento, adquiriram propriedades na região, com a finalidade de, no momento ideal, utilizarem-nas para especulação imobiliária.

As indústrias a ser implantadas na capital deveriam ocupar a Cidade Industrial, ou seja, uma região projetada para tal finalidade. Isso fez com que as indústrias, assim como a classe operária, não se localizassem na zona mais central da cidade.

O transporte urbano era bastante precário, mesmo depois da construção das linhas de bondes, que serviam fundamentalmente à população que habitava a parte central da cidade. Isto, evidentemente, dificultava a circulação dos trabalhadores que precisavam vir à região central para exercer suas funções.

3.2 Caracterizações da Favela do Acaba Mundo

Com o crescimento da população e a demanda por moradias, novas áreas passaram a ser ocupadas, e a opção que restou à população mais pobre foi ocupar os locais menos almejados pelo mercado imobiliário: morros, na área urbana ou bairros da zona suburbana.

Entre 1920 e 1930, surgiram alguns núcleos operários como Santo André, Concórdia, Cachoeirinha, nas proximidades da região central. O núcleo da Lagoinha, assim como a região da Floresta, passou a abrigar trabalhadores do comércio. Na região Sul, a população começou a seguir para as áreas onde se localizava o cinturão verde da cidade. Essa região, nas proximidades da Avenida do Contorno, começou a ser ocupada por construções precárias, com baixa infraestrutura e péssimas condições. Nesse caminho se localizava o que antigamente era chamado o Bairro do Acaba Mundo, situado nas proximidades da Rua Grão Mogol e a Chácara do Sales. Mais tarde ali se instalou o Bairro Sion, com a implantação de um colégio de freiras francesas que recebia moças da sociedade mineira, e que se chamava Nossa Senhora do Sion, atual Santa Dorotéia.

Diferente do que é verificado nos dias de hoje, a região foi inicialmente ocupada por uma população em sua maioria de baixa condição social, tendo em vista, que os bairros situados fora do perímetro da Avenida do Contorno estavam no limite da cidade propriamente

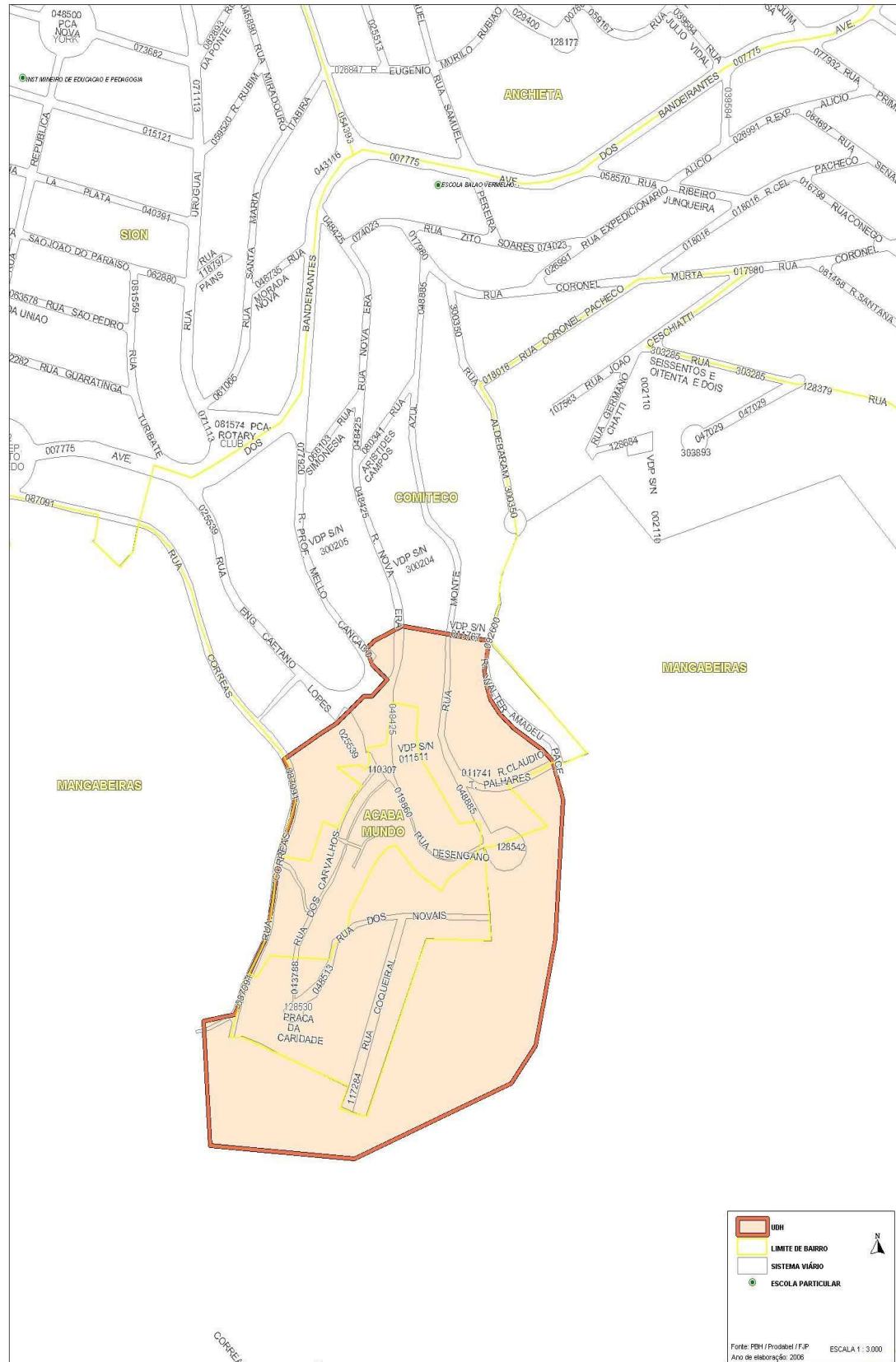
dita, uma área onde moravam os operários e suas famílias. Os moradores que começaram a habitar a região do Acaba Mundo, posteriormente bairro Sion, também passaram por sérias dificuldades de transporte.

O mapa a seguir apresenta os limites e a localização da favela do Acaba Mundo.

UNIDADE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - UDH: 0620-6213
FAVELA DO SION



ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE



Fonte: Dados obtidos através do Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Além da favela do Acaba Mundo, a região era toda coberta por mata fechada, de propriedade particular, antes de ser ocupada. O nome “Acaba Mundo” se deve à existência de um córrego que possuía esse nome e foi posteriormente canalizado, com a construção da Avenida Uruguai por cima dele (PGE 2000).

O Programa de Planos Globais Específicos (PGE) foi criado pela Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (Urbel) em 2000, com o objetivo de servir como um instrumento de planejamento e orientação em relação às intervenções em vilas e favelas. Infelizmente não foi possível encontrar mais dados sobre a constituição dessa ocupação.

Brandenberger define o Plano Global Especifico (PGE) como:

... um instrumento de planejamento, com o objetivo de auxiliar o poder público e a comunidade na tomada de decisões de como, quando e onde investir... Este planejamento também possibilita o monitoramento e a avaliação da dinâmica de evolução dos núcleos mais carentes, além de facilitar a captação de recursos por meio de fontes externas à Prefeitura de Belo Horizonte (BRANDENBERGER, p. 157, 2002).

Esse programa vem realizando estudos sobre a realidade das vilas e favelas, considerando os aspectos urbanístico, sócio-econômico e a situação jurídica do terreno. Outro aspecto dos PGEs é que eles são elaborados com a participação da comunidade. O PGE da Vila Acaba Mundo foi finalizado em abril de 2000, Passaremos então a tratar da situação da vila Acaba Mundo a partir desse documento, o PGE.

Segundo suas informações, a Vila Acaba Mundo conta com uma população de 1346 habitantes residindo em uma área de 46.627,79 m² (PGE da Vila Acaba Mundo, 2000).

De acordo com a URBEL, o Acaba Mundo possui uma condição peculiar em relação às demais ocupações em Belo Horizonte, por se tratar de ocupação de área privada de posse da mineradora e uma das poucas localidades com intenso conflito fundiário.

O Acaba Mundo localiza-se em uma área valorizada da zona sul de Belo Horizonte. Sua ocupação foi iniciada na década de 50, com a instalação da Mineradora Lagoa Seca, que introduziu um projeto de moradias para os trabalhadores que vinham do interior. A partir da década de 70 o número de moradores aumentou significativamente, dando início ao processo de ocupação irregular na região. Em 2005, as lideranças comunitárias criaram o FEMAM - Fórum de Entidades do Entorno das Minerações do Acaba Mundo, em parceria com a Urbel, que vem discutindo melhorias para a vila e o relacionamento com a mineradora Lagoa Seca

(Site: favela isso aí). O FEMAM é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, constituído pela comunidade, pelo Programa Pólos de Cidadania³ e a Igreja do Carmo.

A Favela do Acaba Mundo se localiza ao final do bairro Sion e até 1987 tinha menos de 100 barracos, ocupando áreas pertencentes a particulares. Com o crescimento do bairro achava-se que ela estaria destinada a sumir. Em junho de 1987, com campanhas eleitorais e com a lei do “PROFAVELA” O Programa de regularização fundiária foi implantado pela URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte. Nos termos do artigo 5º da Lei 4781 de 28 de agosto de 1987, que altera o artigo 26 da Lei o Programa Municipal de Regularização de Favelas (PROFAVELA), fica atribuído a URBEL competência de coordenar e implantar o PROFAVELA foram declarados área de utilidade social, passando imediatamente a mais de 400 barracos e expandiu seus limites. O Programa de Regularização de Favelas - PROFAVELA teve início em 1986, antes da aprovação do Plano Diretor do Município em 1996. Mesmo assim, o Programa de Regularização Fundiária é uma das diretrizes da Política Habitacional contida no atual Plano Diretor (2005). A lei dava o prazo de 2 anos para indenizar os proprietários e legalizar as terras em nome dos ocupantes, fazendo-os proprietários. Mas não foi o que ocorreu. A lei “caducou” e a prefeitura recebeu várias ações que ainda estão em litígio ou então viraram precatórios para recebimento em 20/30 anos.

A participação da comunidade no PGE da vila Acaba Mundo pode ser verificada a partir do depoimento da presidente do Fórum de Entidades do Entorno das Mineradoras do Acaba Mundo (FEMAM), Maria Celeste Reis, que nos afirmou a participação dos moradores da Vila Acaba Mundo nas várias etapas da elaboração do Plano. Os moradores participaram também na definição e ordem de prioridade das intervenções, o que segundo Maria Celeste foi de fundamental importância uma vez que no seu entendimento o fator que mais prejudica as conquistas da Vila é a falta de envolvimento e mobilização dos moradores, os quais, segundo ela, se acomodam por receberem caridades, *as coisas nas mãos*, exatamente pela proximidade com o bairro Sion.

O PGE apresenta um diagnóstico da vila e propostas que são analisadas segundo seu alcance e sua viabilidade, em três formas de ação: 1. Recuperação urbanístico-ambiental; 2. Regularização fundiária e 3. Desenvolvimento sócio-organizativo (BRANDENBERGER, 2007).

³ O Pólos de Cidadania é um programa interinstitucional com sede na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais que visa aliar atividades de ensino, pesquisa e extensão com o objetivo de promover a inclusão e a emancipação de grupos sociais com histórico de exclusão e trajetória de risco.

A partir da década de 1990, a favela passou a receber alguns projetos sociais, entre os quais o mais conhecido é o Querubins. Este teve início em 1994, quando a consultora em hotelaria Magda Coutinho tomou a iniciativa de realizar atividades com as crianças e adolescentes da Vila Acaba Mundo, visando sua integração com a comunidade do bairro Sion, na região Sul de Belo Horizonte.

Magda, que mora no Sion há 25 anos, conta que o projeto surgiu a partir de seu interesse pela melhoria do Parque JK, onde obteve os primeiros contatos com os moradores da favela e maior relação de proximidade, principalmente com as crianças.

... O Parque era sujo, as árvores morrendo e as pessoas caminhando nessa praça, não conseguiam enxergar que era uma praça que tava morrendo e aí eu enxerguei uma situação de risco para essas crianças que tomavam conta de carros. Tinha meninos de cinco anos tomando conta de carro. Eu convidei essas crianças para salvar a praça e elas toparam... (Magda, entrevista realizada no dia 7 de Julho de 2008).

Na fase do plantio das árvores com as crianças da Vila, Magda procurava mostrar que aquele espaço também pertencia a eles, sendo esta uma forma de enfrentar o preconceito dos outros moradores do Sion e o próprio receio vindo deles mesmos.

Magda abordou questões sobre a segurança, o trânsito e crescimento desordenado do bairro:

“A praça é segura, não vou falar que não tenha roubo. Em todos os lugares existem pessoas boas, trabalhadoras e outras que não querem saber de nada. (...) Falta muito mais envolvimento dos moradores da vila, para fazer as coisas melhorarem (...) Aqui na Vila as coisas são tranquilas” (Magda 07 de julho de 2008).

Segundo a entrevistada, o Projeto Querubins desenvolve práticas artísticas com dança, percussão, artes plásticas e capoeira. Durante a entrevista ela procura sempre mostrar o papel do projeto para o desenvolvimento da Vila, assim como a miopia dos moradores do Sion em relação a existência da vila e de suas carências

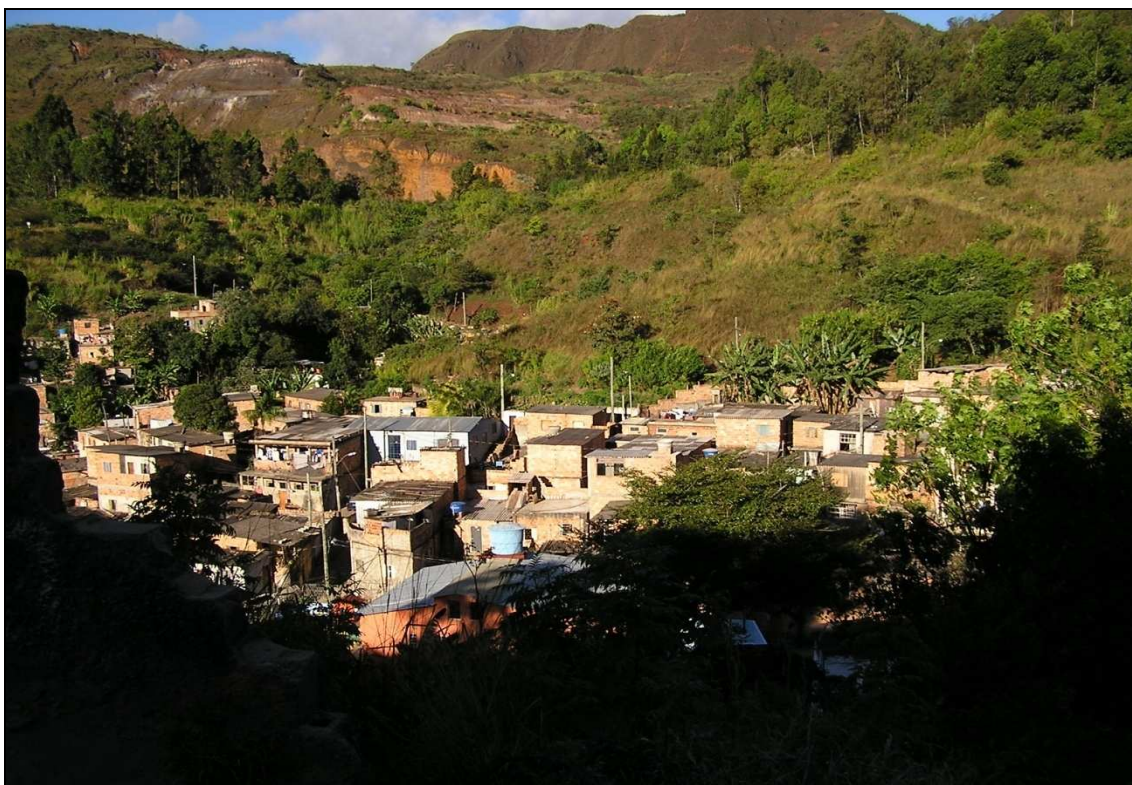
A relação com a vila foi um trabalho de conquista, porque quando eu iniciei o trabalho eu nem conhecia a Vila e nem sabia que tinha uma favela próxima da minha casa, eu acho que esse mal todos nós sofremos, não conseguimos enxergar o que tá na ponta do nosso nariz. Principalmente em relação às comunidades carentes, a gente é meio que míope e eu só pude verificar isso no dia em que eu percebi uma praça abandonada e cinco crianças tomando conta de carro e aí me propus a fazer um trabalho voluntário com as crianças de preservação ambiental, salvando esse Parque JK (Magda, entrevista realizada no dia 7 de Julho de 2008).

A presidente do FEMAM, Maria Celeste Reis, e um representante da Urbel acompanharam a pesquisadora em uma visita na favela e forneceram algumas informações importantes sobre a Vila. Segundo Maria Celeste Reis foi realizada reuniões do Fórum com a Mineradora durante dois anos, com o objetivo de conseguir melhorias para a Vila. Os referidos encontros ocorreram no período de elaboração do Plano Global Específico. Ao tempo dessas reuniões, a Mineradora propunha mudanças e ajudas mais pontuais, enquanto o FEMAM e os moradores buscavam ações que contemplassem globalmente as necessidades e carências do Acaba Mundo.

No planejamento do município essas áreas faveladas são denominadas na Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo do Município, como as ZEIS, ou seja, as Zonas de Especial Interesse Social, que compõem o universo de trabalho da Secretaria Municipal de Habitação (SMHAB).

Atualmente a favela do Acaba Mundo, tem como vizinhos o bairro Mangabeiras, o Parque JK e o bairro Sion, de acordo com os registros oficiais do *Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte*. É cercada por casas e prédios de apartamentos de alto padrão de construção, o que reforça a segregação residencial.

Trata-se de uma área de vulnerabilidade social, um enclave de pobreza entre os bairros Mangabeiras e o Sion, e que, aliada à barreira física representada pelo Parque, está socialmente segregada dos bairros com maiores condições sociais, dos quais é fisicamente vizinha. Os indicadores socioeconômicos são evidentes: renda dez vezes abaixo da média regional e três vezes da média municipal; taxas de crescimento demográfico muito alto, quase oito vezes a média regional e mais de quatro vezes a municipal (Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2000).



Fonte: Vista da Vila Acaba Mundo, na região Sul de Belo Horizonte.
<http://www.ufmg.br/online/arquivos/003888.shtml>; 13/07/2006.

A situação urbanística e jurídica da vila Acaba Mundo vem sendo discutida pela Câmara Municipal, com o objetivo de procurar resolver a situação fundiária. Uma audiência pública foi realizada no dia 07 de abril de 2008 pela Comissão de Meio Ambiente e Política Urbana.

A principal reivindicação dos moradores é a regularização fundiária. Alguns ocupantes da área desde a década de 1940 não possuem o título de propriedade dos terrenos (Câmara Municipal de Belo Horizonte, 08 de abril de 2008). A insegurança dos moradores da favela se deve ao medo de serem retirados de suas moradias, além de encontrarem dificuldades na implantação de programas de saneamento e saúde, exatamente pela falta de regularização urbana.

A foto abaixo mostra a Praça dos Cariocas, logo atrás do Parque JK, próxima à entrada da favela do Acaba Mundo, e o local mais frequentado por seus moradores.



Fonte: Foto tirada por Paulo Filgueiras, do portal UAI, Estado de Minas, 28 de Janeiro de 2009.

Segundo o PGE, a questão relevante é o fato de a vila estar localizada em uma região da cidade com alto nível socioeconômico e ótimas condições do ponto de vista imobiliário. É uma favela relativamente pequena e altamente vulnerável à especulação imobiliária.



Fonte: site: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=28971520>; 05/12/2008.

3.3 O Sion e seu crescimento

Assim como aconteceu com a população pobre que procurou a zona suburbana ou as áreas pouco disputadas para habitar, a partir dos anos de 1940 os grupos médios começam a explorar os limites da zona urbana. Uma consequência desse movimento foi a expulsão para áreas ainda mais distantes dos mais pobres.

O bairro Sion e sua ocupação tiveram um avanço mais significativo somente após a inauguração do antigo colégio Sion, fundado em 05 de janeiro de 1962, atual Santa Dorotéia, localizado na Rua Chicago, ao fim da principal via de acesso, a Rua Grão Mogol.



Fonte: Vista do bairro Sion. Na parte da frente, em vermelho, o Colégio Santa Dorotéia, antigo Colégio Sion, localizado na Rua Chicago, e na parte de trás os vários prédios e novas construções.

<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Santadoroteia.JPG>; 31/12/2008.

A primeira planta contava com loteamentos feitos por uma comissão de engenheiros da prefeitura de Belo Horizonte, e o bairro ficou classificado como a “Segunda Zona Suburbana” da capital.

As ruas foram traçadas e cortadas, formando o alicerce do bairro. O primeiro loteamento vendido, segundo o jornal O Tempo (2001) com relatos da época, foi em 1951. O

Sion teve seus primeiros lotes vendidos a preços bem abaixo dos loteamentos nas regiões próximas, exatamente por localizar-se fora do perímetro da Avenida do Contorno, numa área destinada à construção de chácaras, casas com terrenos amplos que manteriam o cinturão verde, como constava nos planos de formação da nova capital. Entretanto, com esse loteamento, permitiu-se a construção de outros imóveis na área, além de chácaras. A partir da década de 1970, o bairro transformou-se em um lugar com ótima infraestrutura e grande valorização imobiliária.



Fonte: Vista do bairro Sion à noite e os vários prédios que hoje vêm aumentando.
<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bairrosion.jpg>; 30/12/2008.

Atualmente, o bairro Sion é um espaço ocupado por pessoas com médio/alto nível socioeconômico, e faz divisa com outros bairros com o mesmo perfil: Carmo, Cruzeiro, Anchieta, Mangabeiras, Belvedere e São Pedro. Nas duas últimas décadas ele passou por um intenso processo de verticalização, processo este que pode ser visto na foto acima.



Fonte: Vista aérea da Praça JK, foto retirada do goolge no dia 28 de Julho de 2009.

A foto mostra a vista aérea do bairro Sion localizando a Praça JK ao centro. O crescimento do bairro Sion, hoje um bairro de classe média alta. Com os dados conseguidos a partir do Censo Demográfico de 2000, pode-se comprovar esse desenvolvimento e a alta condição socioeconômica dos moradores, bem como dos tipos e das condições de moradia.

Inicialmente se caracterizou por ocupações horizontais e alguns prédios de apartamentos de três andares. Atualmente o Sion é um dos mais valorizados redutos da região Sul (ver Tabela 1, pág.45). Segundo alguns moradores, as opções de lazer, como bares e restaurantes, em sua maior parte, se encontram no bairro próximo, o Anchieta.

3.4 Exploração e descrição do campo de pesquisa

O Parque JK, é uma área de 36.000 m², situada entre os bairros Sion e a Vila Acaba Mundo. Originalmente, o local era uma barragem que foi aterrada no final da década de 80. No início da década de 90 foi elaborado um projeto para a construção de uma praça nesse extenso espaço vazio, mas sua execução só foi iniciada na segunda metade dessa década. Durante esse tempo, a praça, ou melhor, o espaço que ali existia com apenas algumas áreas cimentadas e outras de terra, foi apropriado e cultivado por alguns moradores. Atualmente, a praça conta com vários equipamentos de ginástica, amplos espaços para brincadeiras e duas

pistas para caminhadas. Seus jardins estão constantemente floridos e são cuidados por uma empresa particular, que participa do programa “Adote o Verde” da Prefeitura Municipal.



Fonte: Vista aérea da praça JK. Foto tirada por Eugênio Sávio. Jornal o tempo online, 29 de Novembro de 2008.

Por ser um espaço público, a Praça JK é frequentada por diversas pessoas de classes sociais distintas, com variadas visões de mundo, valor, conjuntos de crenças, estilos de vida, proporcionando às mesmas percepções e sensações diversas em relação ao “outro”, como nos mostra Magnani:

“São experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade - que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido. O processo de acercamento e descoberta desse significado pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor: permite conhecer e participar de uma experiência nova, compartilhando-a com aqueles que a vivem como se fosse natural, posto que se trata de sua cultura” (MAGNANI, 2002).

A pesquisa de campo teve uma importância fundamental, pois a mesma revelou uma série de comportamentos e estratégias que, possivelmente, passariam despercebidas num contexto de rotina de uso da praça JK. Uma das percepções que a pesquisa de campo apontou foi uma diferenciação entre grupos etários com relação ao uso e apropriação dos espaços

públicos. Em uma das visitas, com a finalidade de observação da interação na praça, foi percebido uma diferenciação, principalmente no período da manhã, na qual a praça é frequentada por um número maior de idosos, que participam de atividades coordenadas e em grupo e babás que acompanham as crianças em sua maioria moradoras do Sion. Na oportunidade pudemos perceber que os idosos do bairro Sion se apropriam, majoritariamente, da parte da frente da praça, local onde ficam alguns equipamentos de ginástica utilizados pelo grupo. Ao fundo da praça localiza-se o campo de futebol que, em sua maioria, é ocupado por crianças e adolescentes da favela Acaba-Mundo. Quando perguntado aos jovens que jogavam futebol se eles utilizavam alguns equipamentos de ginástica disponíveis na praça um deles respondeu: O “Jurassic Park”? Perguntado sobre o significado da expressão o jovem esclareceu que aqueles equipamentos são para “velhos”, e o grupo que estava em seu entorno prontamente concordou com a afirmação. Ou seja, os idosos se apropriam de um espaço que é diferenciado do espaço apropriado pelos jovens, e há também uma estigmatização, uma forma de demarcação dos espaços com relação à faixa etária dos grupos.

As babás com as crianças é um outro exemplo do fenômeno de divisão nos espaços da praça, esse grupo utiliza a parte central, algumas são moradoras da favela do Acaba Mundo e encontram-se normalmente a partir das 10 horas da manhã até as 12 horas. As babás foram criando uma amizade e laços pelos encontros frequentes, encontros esses que são verificados por um laço de sociabilidade construído pelas brincadeiras entre as crianças, com as brincadeiras e trocas de brinquedos que muitas vezes atraem também as crianças da favela.

Outra manifestação percebida no trabalho de campo se refere à pista de cooper. Ao longo do período de observação e realização de entrevistas na Praça JK, chamou a atenção o fato de que, algumas pessoas caminham pela pista na parte da frente, até o meio da praça. Quando chegam mais perto do campo de futebol, localizado na proximidade da favela, algumas pessoas que fazem cooper aumentam a velocidade da caminhada, ou seja, correm. O que parecia uma dinâmica da atividade física se revelou uma estratégia de segregação em que as pessoas, mesmo que inconscientemente, passavam correndo perto da favela e caminhavam tranquilamente perto do bairro. Uma das possibilidades de explicação para o fenômeno pode estar associada à sensação de insegurança daquelas pessoas com relação ao local pela proximidade com a favela.

Os jovens da favela, frequentadores do campo de futebol, revelaram que não são bem-vindos em outros espaços da praça. Os mesmos relatam que às vezes são hostilizados ou mesmo negligenciados por grande parte dos frequentadores da praça. Um dos jovens relata:

“Eu não vou lá e eles não vêm aqui, eles têm medo de nós”. A fala do jovem é reveladora de uma atitude de distanciamento, mesmo que velada. Há uma diferenciação quanto ao uso e apropriação de alguns espaços dentro da mesma praça. Ainda que se trate de um espaço público, alguns locais são utilizados exclusivamente por grupos específicos. A exemplo do “Jurassic Park” e do campo de futebol, que são utilizados por idosos e por jovens respectivamente, há claramente uma apropriação do espaço público com vistas ao desenvolvimento de atividades de esporte e lazer para grupos específicos e de faixas etárias diferenciadas.

A frequência assídua ao local, e as conversas que tive, me proporcionaram uma oportunidade de conhecer melhor algumas experiências vividas pelos freqüentadores e moradores do entorno, onde obtive informações acerca da formação e transformações da praça, segundo suas percepções pessoais.

Nestas idas, conheci uma personagem importante para os moradores da região. “Tia Magda”, como é chamada pelos moradores da Vila Acaba Mundo, é uma moradora do bairro Sion, que faz a mediação entre os dois bairros. Não é possível saber como seriam as relações dos moradores da vila com a praça sem essa mediação da “Tia Magda” mas, mesmo considerando que essa intervenção contribuiu para a inclusão dos moradores da favela, isso não significa, no entanto, que exista uma socialização entre eles.

Para enriquecer a investigação, percorremos o bairro no ônibus 2101, desde sua parte mais antiga até seu ponto final, em frente à favela do Acaba Mundo, na parte de trás do Parque JK, quando observado pela Avenida Bandeirantes. As observações se realizaram nos períodos da manhã, entre 9:30 e 10h, e da tarde, por volta das 16:30 e 17h. Foi realizada uma observação dos frequentadores, desde a aparência, como as roupas, até as conversas e o local de preferência para se sentarem, tentando, dessa forma, procurar distinguir os dois grupos estudados e assim perceber diferenças nos seus comportamentos. Os moradores da favela ocupam os bancos da parte de trás e conversam bastante, mas apenas entre seus iguais; já os moradores do Sion ocupam a parte da frente até o meio, ficando mais calados e fechados.

Os moradores do Sion que conversavam estavam acompanhados, mas o tom da conversa era mais discreto, em relação aos moradores da favela. Pode ser percebido, nesse caso, que há sociabilidade, mas entre pessoas com condições sociais e culturais semelhantes. Na parte da manhã percebe-se também que o público do Sion está em maior número, quase não se veem moradores da favela. Percebia-se, pelas conversas dos moradores do bairro, que eles gostam de morar ali pela proximidade com a Savassi.

No dia 24 de janeiro de 2009, duas passageiras com idade entre 18 a 20 anos, conversavam sobre como é bom morar no Sion, porque fica perto de variados comércios, com várias opções de lazer; falavam também sobre a praça JK, que adoravam fazer caminhadas, mas que nos últimos dias não estavam frequentando, pois o frio estava muito intenso.⁴

Os moradores da favela são mais comunicativos e parecem ter maior aproximação com os motoristas e trocadores da linha, além de demonstrarem maior intimidade com os mesmos.

Vários moradores que parecem ser da favela e que desceram no ponto final próximo a ela, em alguns dias não pagavam a passagem e conversaram a viagem inteira com o motorista. Isso pode ser verificado também ao chegar ao ponto final, na entrada do Acaba Mundo, onde muitos moradores conversam com os funcionários do ônibus. Percebe-se que esses moradores optam por assentar na parte de trás do ônibus. No período da manhã estão em menor número, com maior presença na parte da tarde.

No dia 14 de janeiro de 2009, às 10h:42min da manhã, durante o trajeto até a Praça JK, no ônibus 2101, pôde-se ouvir um comentário bastante significativo quanto à estigmatização dos moradores da favela, feito por duas moradoras do Sion e passageiras do ônibus, que se mostravam insatisfeitas com o bairro. Elas falavam da insegurança e do medo em decorrência da presença da favela, por isso mesmo sentiam medo de caminhar na Praça JK, alegando o aumento de roubos ali e por acharem que a cada dia o espaço se torna mais inseguro e “largado” quanto ao policiamento, e à maior frequência das pessoas da favela.

O mapa apresentado a seguir faz parte do Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Nele, o Sion aparece junto com o Carmo, e com as seguintes fronteiras com outros bairros: Anchieta, Comiteco, Mangabeiras e a favela Morro do Papagaio, aí representada pelas vilas Estrela e Santa Rita de Cássia. A Vila Acaba Mundo se localiza na parte de trás se observada a partir da Avenida Bandeirantes e mais próxima do campo de futebol.

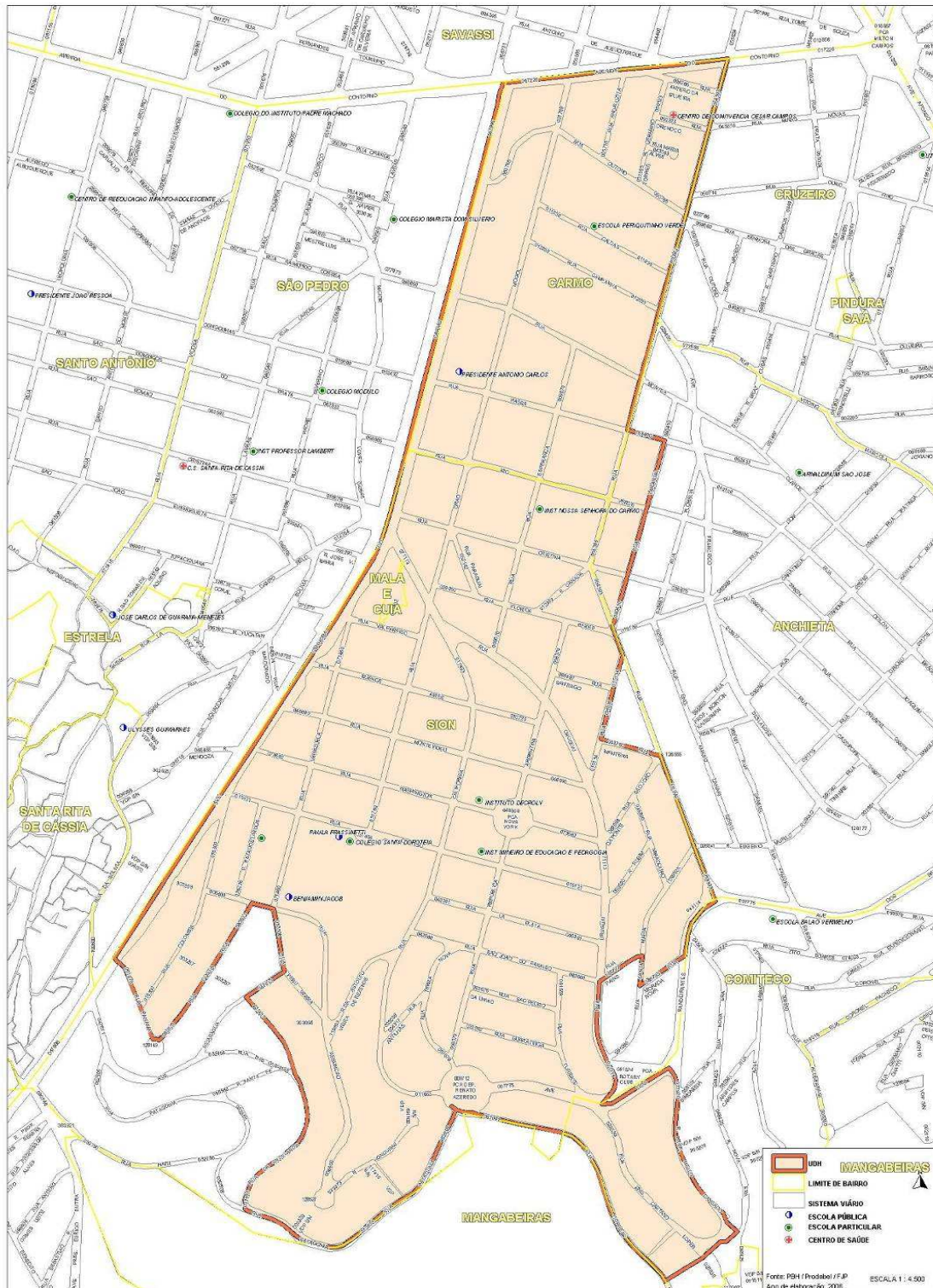
Nos dias de hoje, além da Praça JK reconhecido espaço verde público da prefeitura desde 1990 (Estado de Minas, 09 de Julho de 2008), o Sion conta com outros espaços públicos em bom estado de conservação, como a Mata das Borboletas, a Praça Nova Iorque e a Praça Renato Azeredo (antiga Praça Alasca).

⁴ Apesar de ser um dia de janeiro, estava nublado e fazia frio.

UNIDADE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - UDH: 0620-6207
CARMO/SION



ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE



Fonte: Dados obtidos através do Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte



Fonte: Parque JK, Sion. Site: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=549524>; 21/11/2007.

Em conversas com os moradores da Vila do Acaba Mundo foi lembrado o tempo em que plantaram, junto com a “Tia Magda”, muitas árvores da praça. Essa é uma forma deles mostrarem que fazem parte daquela praça desde as suas origens. Na fase do plantio das árvores, Magda contou com a ajuda de muitas crianças e procurou incutir-lhes o sentimento de que aquele espaço também lhes pertencia, como foi uma forma de enfrentar o preconceito dos outros moradores.



Fonte: Pista de Cooper da Praça JK. <http://antigo.sicepot-mg.com.br/nucleoconstrucao.html>.

Nas entrevistas realizadas com os usuários da praça encontramos diferentes percepções sobre as formas de interação e da segurança. Algumas pessoas sentem-se ameaçadas e temerosas pela presença da favela e dos favelados na praça. As pessoas sabem da ocorrência de alguns crimes, porque presenciaram ou ouviram falar, e, por isso, tomam algumas precauções como não andar com nenhum objeto passível de ser roubado, e evitar determinados horários em que a praça fica mais vazia e sem policiamento. Assim como nos revela um morador do Sion: “A partir da 12 horas o policiamento acaba e a praça fica bem vazia e se torna mais perigosa depois” (Morador do Sion, 30 de Julho de 2008).

Nesse período, é percebido um esvaziamento da praça pelos moradores do Sion, que na parte da manhã utiliza o espaço em maior número, muitos moradores da Vila dizem ficar nesse horário observando os outros frequentadores e que preferem a praça quando eles vão embora, pois assim se sentem mais à vontade. O lugar mais utilizado pelos adultos da Vila é uma escada que dá acesso a praça bem em frente à favela. Alguns usam também o campo para jogos de futebol. No final de semana é possível vê-los acompanhando seus filhos em brincadeiras no local. Mas é mesmo na escada que eles mais se concentram e de lá observam o movimento da praça. Esse grupo é formado, predominantemente, por homens.

O campo de futebol é freqüentado pelo pessoal da coleta de lixo, durante a semana, por volta das 12 horas. Durante minhas observações pareceu que isso ocorre freqüentemente, no mesmo horário. Pude ter maior clareza com o depoimento de um morador do Sion, que diz gostar muito de participar dos jogos. “Todos os dias às 12 horas os lixeiros jogam bola no campo. Nesse horário só fica o pessoal da favela e o pessoal da coleta de lixo, mas eu percebo que as pessoas do Sion não freqüentam o campo”. (Morador do Sion, 30 de Julho de 2008). Disse também, não gostar da violência na praça e que tinha acabado de presenciar um assalto:

“Havia uns meninos que pareciam ser da favela assistindo ao jogo e assim que o jogo acabou eu fui correr na pista de Cooper. Aqueles meninos que observavam o jogo ficaram olhando o pessoal correr, não tinha muita gente, mas abordaram um jovem que estava com uma senhora, eles estavam com a mão por dentro da blusa para parecer que tinham uma arma. Eles roubaram o tênis do garoto” (30 de Julho de 2008).

No entanto, a praça, que era para ser um espaço de encontro e lazer, se revela também um lugar de medo, insegurança e de percepções diferentes em relação ao uso dos espaços e à segurança.



Fonte: Praça Jk, o campo de futebol mais próximo da favela do Acaba Mundo.

<http://antigo.sicepot-mg.com.br/nucleoconstrucao.html>

As entrevistas com os moradores do Acaba Mundo revelam diferentes interpretações sobre as suas relações com a praça e os outros usuários, mas nenhuma que mostre algum tipo

de interação positiva entre os dois grupos. Segundo uma moradora afirma: “eu moro quase aqui dentro”. É como se saísse de casa e desse de cara com a praça.



Fonte: Parque JK, Sion. Site: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=549524>; 21/11/2007.



Fonte: Praça JK, Sion, tirada do alto. <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=739788>;
31/10/2008.

O acesso a praça e ao bairro se faz pela Rua Grão Mogol, que também liga o Sion aos bairros próximos como Cruzeiro e Anchieta; pela avenida Uruguai. O bairro possui, além de agências bancárias, lojas com diversos ramos de comércio. A outra avenida importante do bairro é a Bandeirantes, que apresenta trânsito intenso e comércio variado, como lojas de roupas, de produtos naturais, orgânicos, lanchonetes e bares. Essa avenida dá acesso aos bairros Mangabeiras e Belvedere. Possui na lateral uma pista de caminhada que acompanha quase toda a sua extensão.

O crescimento do bairro vizinho, Belvedere e dos condomínios no município de Nova Lima, transformaram a avenida bandeirantes em um dos seus acessos. Isso acabou transformando-a numa avenida de transito intenso e congestionado em certas horas do dia. Seu caráter residencial também foi comprometido com a liberação para uso comercial das casas em um de seus lados. A Avenida Bandeirantes marca também a divisa entre dois bairros, o Sion e o Mangabeiras, pois seu canteiro central faz essa delimitação. Apesar dessas

delimitações oficiais, muitas pessoas consideram o espaço próximo ao Parque JK como pertencente ao bairro Sion.

Como em toda a cidade, o crescimento do bairro nos últimos anos, aumentou a violência e a insegurança também cresceram no bairro. Os moradores procuraram soluções, como a criação da Associação dos Moradores e Empresários do Sion, que tenta estabelecer parcerias com a polícia militar para tornar o bairro mais seguro.

Uma das questões abordadas pelos moradores nas entrevistas foram os aspectos positivos e negativos do bairro, e todos os entrevistados relataram que um dos aspectos negativos foi o crescimento do bairro, que ocasionou uma mudança na sua estrutura, como a substituição das casas por apartamentos ou por estabelecimentos comerciais e o aumento do trânsito. Segundo o depoimento de um entrevistado e morador do bairro desde 1980:

... O aspecto negativo do bairro, o principal, é o crescimento, assim, desordenado, as residências todas estão virando prédios, então todas as ruas que eram só residenciais estão se tornando comerciais. Minha rua mesmo é uma rua pequena, mas só tem cinco casas residenciais, fora os predinhos, o resto das casas todas já virou comércio (Márcio, entrevista realizada no dia 2 de julho de 2008).

Quando questionado sobre quais foram as outras mudanças ocorridas no bairro, do período em que se mudou até os dias de hoje, o entrevistado foi muito categórico em relação às dificuldades e problemas do crescimento desordenado que acompanhou toda a cidade de Belo Horizonte.

...O que mais alterou foi o congestionamento. Eu acho que isso foi na cidade toda, mas o bairro, que era muito tranquilo e nasceu com o colégio, então eram só casas e o colégio centralizando tudo. Hoje ficou um tumulto, até para ir ao colégio, já teve que haver várias mudanças de mão de trânsito, porque aumentou muito de veículos e de atividades comerciais. O bairro ficou assim, muito tumultuado, muito congestionado. Têm horários que é difícil, ficou um bairro difícil de chegar e difícil de sair... (Márcio, entrevista realizada no dia 2 de julho de 2008).

O Sion é um dos bairros com maior nível socioeconômico, de acordo com os dados do IPEAD (ver mapa no anexo p.65), obtidos com o censo de 2000, disponibilizados por setor censitário, de acordo com a renda média mensal do chefe do domicílio em salários mínimos (SM). Por este critério, os bairros da cidade de Belo Horizonte foram divididos em quatro tipos ou grupos, popular, médio, alto e luxo. O Sion situa-se na categoria 4, luxo, com renda igual ou superior a 14,5 salários mínimos.

Tabela 1
CLASSIFICAÇÃO DOS BAIRROS DE BELO HORIZONTE

Tipo ou Classe	Grupo de Bairros	Censo 2000
1	POPULAR	Inferior a 5 SM
2	MÉDIO	Igual ou maior a 5 SM e menor que 8,5 SM
3	ALTO	Igual ou maior a 8,5 SM e menor que 14,5 SM
4	LUXO	<i>Igual ou superior a 14,5 SM</i>

Fonte: Pesquisas em Mercado Imobiliário (IPEAD) - Belo Horizonte, 2005

De acordo com o Atlas Desenvolvimento Humano e Condições de Vida (1998), o Sion se localiza no Núcleo Central, área onde se localizam os maiores benefícios urbanos e as classes com maior renda. A renda per capita desta área é três vezes superior à média da cidade, e não possui renda ainda maior devido à inserção de algumas favelas nessa região. (Desenvolvimento Humano e condições de vida, 1998).

Diante da existência desses dois grupos socialmente diferentes, da favela e do bairro, percebe-se a presença de uma fronteira que é física, mas também social. Há uma mudança nos tipos das casas, que no bairro são construções em alto padrão e boa infraestrutura, e na favela, construções com problemas estruturais; diferenças em relação às formas das ruas, o que leva um distanciamento desses dois grupos nos espaços do bairro.

Tendo como referência o conceito de fronteira definido no capítulo anterior, constatamos que os dois grupos não frequentam o principal espaço público do bairro, a Praça JK, no mesmo horário. Uma vez que a sociabilidade é dificultada pela distância social, apesar da proximidade física, eles evitam estar na praça durante os mesmos horários.

Constata-se ainda que nos bairros de classe média alta, como no caso do bairro Sion, o relacionamento entre os moradores é bastante restrito. Mas se olharmos em direção à Favela do Acaba Mundo essa história se inverte, pois as pessoas se encontram nos espaços da rua e nas proximidades de suas casas. As práticas sociais próprias de uma cidade interiorana são percebidas na favela, pois várias pessoas conversam assentadas nas calçadas, há brincadeiras coletivas nas ruas assim com festas populares e religiosas.

METODOLOGIA DE PESQUISA E RESULTADOS ALCANÇADOS

Curiosidade, criatividade, disciplina e especialmente paixão são algumas exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade. (GOLDENBERG apud SILVA e MENEZES, 2001, p. 13).

Esta pesquisa, como já foi mencionado, tem como objetivo compreender a formação de fronteiras sociais nos espaços públicos do bairro Sion e suas implicações no processo de interação no local. Desta forma realizou-se uma análise dos processos de segregação residencial no bairro ampliando para os seus espaços públicos, em especial na Praça JK, um espaço público aberto ao encontro entre os diferentes, foi citado nesse caso, por se localizar na fronteira desses dois mundos: o bairro e a favela.

A pesquisa utiliza-se de dados qualitativos e quantitativos, parte deles aqui produzida e parte coletada em fontes secundárias. Entre estes destacam-se as pesquisas no acervo da biblioteca da Igreja do Carmo, na Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (Urbel). O Plano Global Específico da Vila Acaba Mundo (PGE) e o Plano de Ações Estratégicas da Vila Acaba Mundo estão entre os documentos consultados na Urbel. Paralelamente à coleta de informações em fontes secundárias, a pesquisa de campo contou com observações diretas.

O contato com o objeto investigado foi realizado através de observação participante, com o propósito de envolver o pesquisador com o ambiente analisado, evitando assim uma observação distanciada. Os primeiros contatos foram realizados com conversas informais com os frequentadores da praça, aos poucos essa aproximação foi revelando questões que chamaram atenção, principalmente no que se refere à interação social dos moradores com a favela. Ao estar próximo do objeto estudado, a Praça JK, fui aos poucos entendendo o isolamento social, questão essa fundamental para se pensar em realizar uma investigação mais aprofundada quanto o processo de interação social. As observações da praça foram feitas por vários dias, mudando os horários como forma de perceber as possíveis mudanças ocorridas no decorrer do dia. Várias foram as observações, desde seus frequentadores até as condições de interação no espaço público do bairro Sion.

Consideraram-se as condições físicas do bairro como o acesso, estado de conservação dos espaços públicos (ruas e equipamentos), as residências, o transporte (observação no ônibus que dá acesso ao bairro, a linha 2101) e as condições de ocupação dos dois grupos estudados (Sion e Acaba Mundo), mas dando maior ênfase às relações sociais dos moradores, em especial entre os do bairro e da favela.

Com o objetivo de encontrar uma maior forma de analisar qualitativamente o processo de interação social entre os moradores do Acaba Mundo com os do Sion, grupos socioeconomicamente diferentes, foi adotado um survey capaz de medir a relação social, como aproximação e distanciamento. Os principais critérios utilizados para definir os dois grupos sociais para a seleção do survey foram as roupas, acessórios e comportamento.

Ao survey seguiu-se um modelo interseccional explicativo, onde se aplicam questionários ao mesmo tempo em que o fato está ocorrendo. A amostragem foi do tipo não-probabilístico intencional, de conveniência, e contou com 330 questionários (ver anexos p. 73). A razão por optar por esse tipo de amostra se deve ao fato de ser a Praça JK um espaço que obtém um filtro infinito, quer dizer, por se tratar de uma praça pública, com um número infinito de possíveis entrevistados.

Classificou-se esta pesquisa como um estudo de caso, com a utilização de métodos, como a observação, as entrevistas abertas e as conversas informais com os frequentadores da Praça JK, desde que fossem moradores do Sion e do Acaba Mundo. Além disso, houve também observações no próprio lugar. Ou seja, a ideia foi compreender a dinâmica dos espaços, dinâmica possível exatamente porque são sujeitos que significam e ressignificam os lugares que são apropriados cotidianamente. Ao aplicar os questionários foi percebido um distanciamento das pessoas que vivem na favela, que se mostraram receiosos e disseram que muitas vezes são vistos como ameaça pelos moradores do Sion. Observando os dois grupos percebeu-se que os moradores do Sion aproveitam a praça como um todo, e de uma forma mais confortável, isso acontece na parte da manhã até as 12 horas e no final da tarde entre as 16 e 20 horas. Nesse período os moradores do Sion utilizam praticamente toda a praça, se distanciando apenas do campo de futebol, por ser esse o espaço mais freqüentado pelos moradores do Acaba Mundo.

Por outras palavras, pretendeu-se alcançar a interpretação que os frequentadores da Praça JK, pertencentes aos dois grupos distintos socioeconomicamente - e, como tais, usuários desses espaços - dão a determinados estilos de vida, assim como qual a relação de convívio e a relação de fronteiras nesses espaços. A tabela 2 apresenta a relação de propriedade dos domicílios segundo o censo de 2000.

Tabela 2
Condições de Ocupação dos Domicílios Sion/ BH

Variáveis	Frequência Sion 2000
Domicílios particulares permanentes – condição de ocupação – próprios – quitados	57.744
Domicílios particulares permanentes – condição de ocupação – próprios - em aquisição	848
Domicílios particulares permanentes – condição de ocupação – alugados	1.401
Domicílios particulares permanentes – condição de ocupação – cedidos por empregador	19
Domicílios particulares permanentes – condição de ocupação – cedidos de outra forma	208
Domicílios particulares permanentes – condição de ocupação – outra condição	22

Fonte: Tabela construída a partir dos dados do censo de 2000.

4.1 Survey

O survey aplicado nessa pesquisa teve como propósito identificar a relação de proximidade e distância entre dois públicos distintos os moradores do Sion da favela do Acaba Mundo, em um espaço público do bairro, a Praça JK. Teve igualmente o objetivo de aprofundar a obtenção de mais dados para o entendimento das possíveis relações entre esses dois grupos.

Os surveys, muito utilizados em pesquisas políticas, não podem ser reduzidos se trata apenas a um questionário propriamente dito, mas também a coleta, comparação e análise dos resultados. Implica em definir os objetivos, planejar e agendar o survey, projetar o questionário, validar este questionário (realização de um pré-teste), selecionar participantes, analisar os dados e escrever os resultados alcançados (BABBIE, 1999). Não é preciso efetuar o survey em uma população inteira; portanto, uma amostra é estabelecida e escolhida (BABBIE, 1999).

A seguir apresentam-se tabelas interpretando o survey realizado. A de número 3 é uma representação dos grupos étnicos do bairro Sion e da favela do Acaba Mundo, cujos dados foram obtidos por meio de autodeclaração.

Tabela 3
Grupos étnicos do bairro Sion / Acaba Mundo

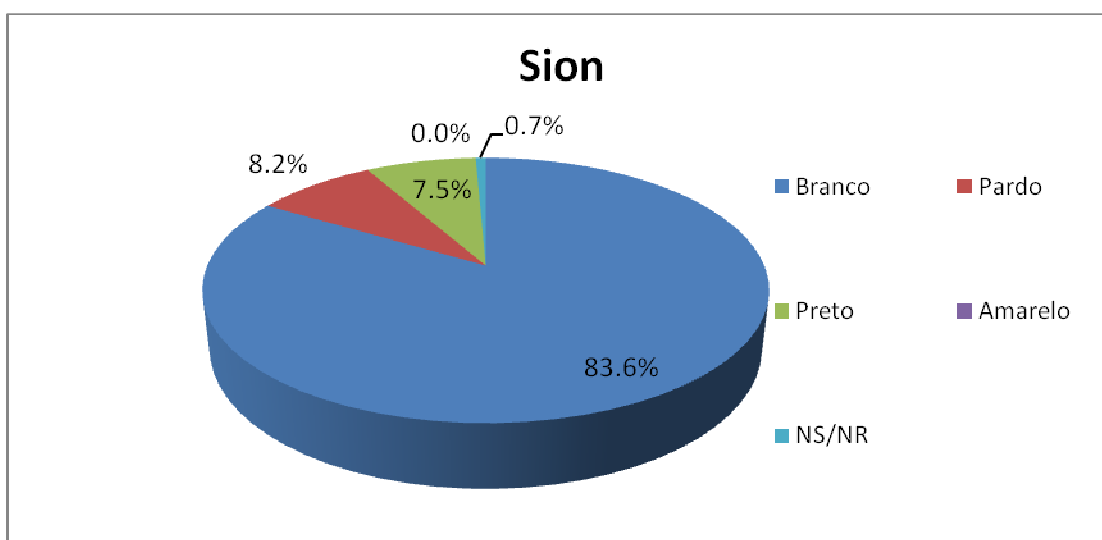
Grupo Social	Sion	AcabaMundo	Sion + Acaba Mundo	Total
Branco	83.6%	25.0%	50.9%	168
Pardo	8.2%	15.2%	12.1%	40
Preto	7.5%	57.6%	35.5%	117
Amarelo	0.0%	1.1%	0.6%	2
NS/NR	0.7%	1.1%	0.9%	3
Total	100%	100%	100%	330

Fonte: Survey realizado em Outubro de 2008 a Janeiro de 2009.

A tabela 3 apresenta as informações considerando a cor dos moradores do Sion e do Acaba Mundo; constatou-se que a maior parte dos moradores do Sion se declaram brancos, com 83,6%, e apenas 7,5% e 8,2% se declaram pretos ou pardos.

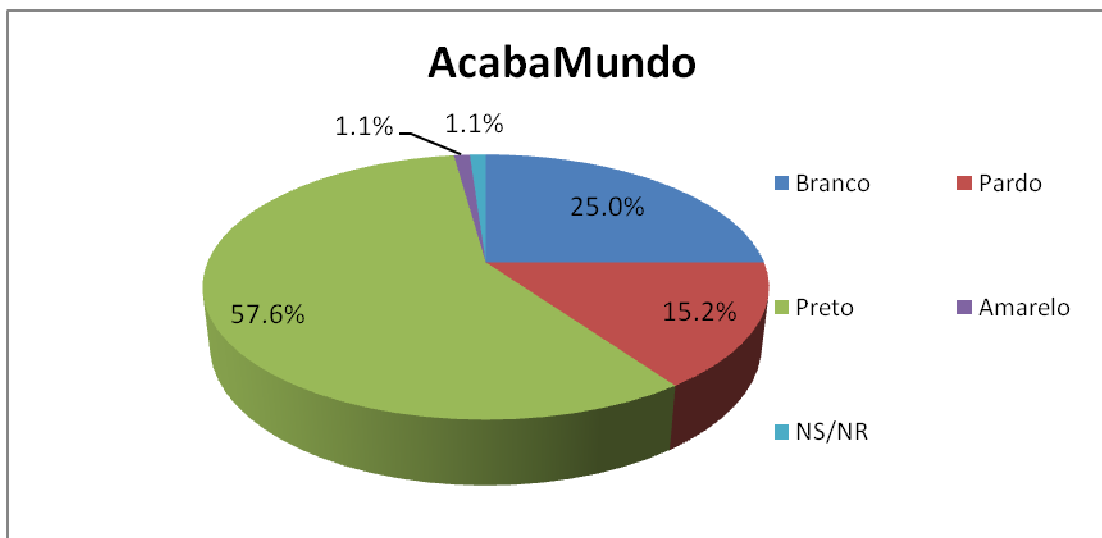
Por esses dados podemos perceber que os dois territórios abrigam grupos étnicos diferentes. O Sion predominantemente branco 83,6% e a vila Acaba Mundo predominantemente preta com 57,6% e parda 15,2%.

Gráfico 1: Cor dos moradores do Sion



Fonte: Survey realizado entre Outubro de 2008 e Janeiro de 2009.

Gráfico 2 : Cor dos moradores do Acaba Mundo



Fonte: Survey realizado entre Outubro de 2008 e Janeiro de 2009.

A tabela 4, faz uma descrição da renda dos moradores do Sion e do Acaba Mundo. O Sion apresenta uma renda significativamente maior quando comparada com as informações dos moradores da favela, uma renda que demonstra que 63% dos moradores entrevistados recebe um valor superior a dez salários mínimos. Nessa faixa –mais de 10 salários mínimos não encontramos entre os entrevistados nenhum morador da Vila. Esses se concentram nas faixas até 3 SM, 93,5%.

Tabela 4
Renda dos moradores do Sion + Acaba
Mundo

Grupo Social	Sion	Acaba Mundo	Sion + Acaba Mundo	Total
Até 1SM	0.0%	15.2%	8.5%	28
1 a 2SM	1.4%	58.7%	33.3%	110
2 a 3SM	4.8%	19.6%	13.0%	43
3 a 5SM	7.5%	5.4%	6.4%	21
5 a 10SM	18.5%	1.1%	8.8%	29
10 a 20SM	30.1%	0.0%	13.3%	44
20 a 30SM	19.9%	0.0%	8.8%	29
Mais de 30	13.0%	0.0%	5.8%	19
NS/NR	4.8%	0.0%	2.1%	7
Total	100%	100%	100%	330

Fonte: Survey realizado em Outubro de 2008 a Janeiro de 2009.

Tabela 5
Escolaridade bairro Sion + Acaba Mundo

Grupo Social	Sion	Acaba Mundo	Sion + Acaba Mundo	Total
Analfabeto	0.0%	1.1%	0.6%	2
1º Incompleto	4.1%	35.9%	21.8%	72
1º Completo	3.4%	25.0%	15.5%	51
2º Incompleto	3.4%	13.0%	8.8%	29
2º Completo	11.0%	22.8%	17.6%	58
Superior Incompleto	20.5%	2.2%	10.3%	34
Superior Completo	57.5%	0.0%	25.5%	84
Total	100.0%	100.0%	100.0%	330

Fonte: Survey realizado em Outubro de 2008 a Janeiro de 2009.

A tabela 5 representa a escolaridade dos entrevistados no Parque JK. No Sion 57,5% completaram o curso superior e 20,5% superior incompleto. É importante levar em conta que neste estudo foram entrevistadas pessoas maiores de 16 anos, ou seja, parte dos entrevistados não estavam em condição de ter terminado ou mesmo começado o curso universitário. Mais uma vez, quando se analisa os dados dos moradores da vila Acaba Mundo os contrastes são enormes. Ninguém com curso superior foi entrevistado e 35,9% declararam não ter completado o primeiro grau.

Diante disso, chegamos a outra questão importante em nossa análise: a interação social estabelecida pelos dois grupos distintos socioeconomicamente.

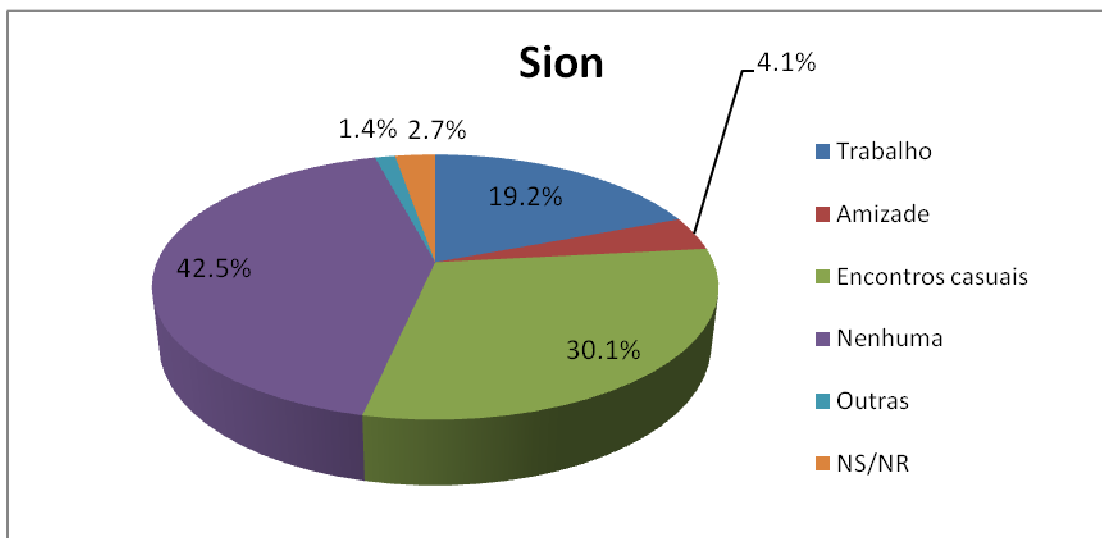
Os gráficos abaixo irão responder à hipótese levantada, mostrando a ausência de interação e de sociabilidade espontânea dos dois grupos - do Sion, por se sentirem inseguros pela presença da favela, e do Acaba Mundo pelo isolamento social advindo da segregação imposta pelo bairro. São os moradores da favela as pessoas estigmatizadas, por não transitarem no bairro com o objetivo de se socializar com os demais e, quando os mesmos declaram ter algum tipo de interação, é sempre voltada para os serviços prestados aos

moradores do Sion, serviços estes de baixa qualificação, como olhar e lavar carros, e os serviços domésticos.

Os gráficos 3 e 4, representam uma das questões fundamentais de nossa pesquisa: qual o tipo de interação dos moradores da favela do Acaba Mundo e do Sion? Dos 330 entrevistados, 31,9% moradores do Acaba Mundo e 19,2% do Sion. Considerando isoladamente, entre as pessoas que declararam não ter nenhum tipo de relação os moradores do Sion com os moradores do Acaba Mundo é de 42,5%, e apenas 27,5% se encontram no Acaba Mundo. Esta proporção nos mostrou uma questão que foi percebida também nas observações participantes, que é o desinteresse dos moradores do Sion de se aproximarem dos habitantes da favela. Houve 2 missing, correspondentes a 0,6% da população investigada, que equivalem às questões que foram perdidas, ou seja, questão essa que pode ter ocorrido por um descuido do entrevistador que deixou passar a questão.

Nosso propósito é identificar os tipos de sociabilidade existente nos espaços da praça JK, pois sabemos da dificuldade e do desafio de procurar medir os tipos de relação social, não existe um parâmetro específico para essa determinação, mas podemos reforçar, esclarecer e identificar o grau de convivência, de proximidade e distanciamento entre os moradores do Sion e da favela do Acaba Mundo. A interação não pode ser medida de forma a definir concretamente, pois não se mede algo que se transforma a todo momento como as relações sociais, não existe controle sobre as atitudes de cada pessoa, conseguimos revelar um fenômeno. Trata-se de uma capacidade das pessoas de se relacionarem ou conviverem em um mesmo espaço social, o fenômeno da sociabilidade. Falamos no decorrer de nosso estudo de uma sociabilidade espontânea, podemos definir melhor como uma sociabilidade estimulada, um mecanismo que impulsiona as relações como um idoso que se aproxima de outro para conversar, como as pessoas que levam os cachorros para passear, logo a aproximação é revelada pelas afinidades que levam as pessoas a se identificarem.

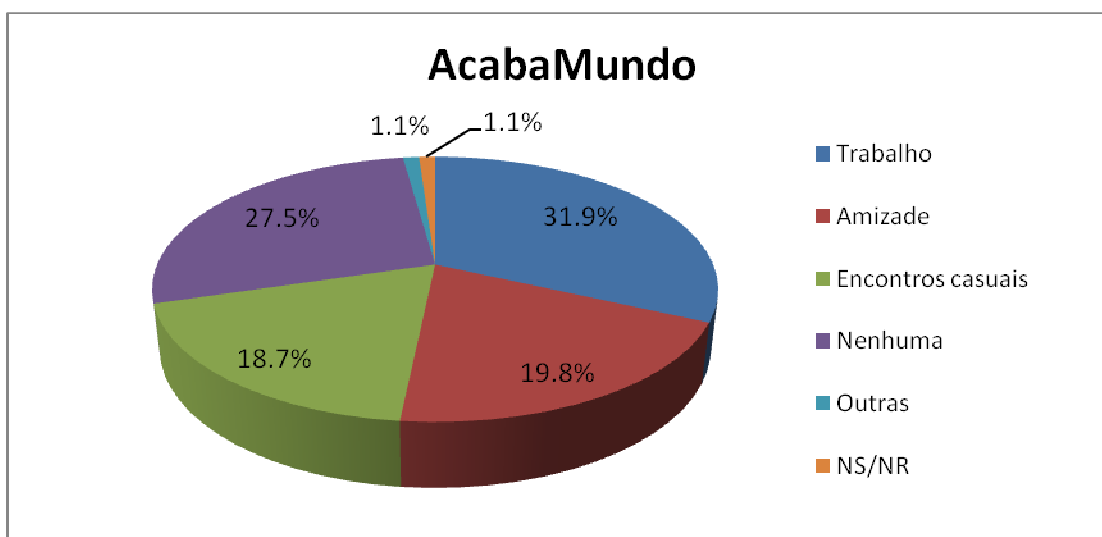
Gráfico 3: Interação dos moradores do Sion em relação ao Acaba Mundo



Fonte: Survey realizado em Outubro de 2008 a Janeiro de 2009.

Dessa forma podemos pensar em como um grupo pensa o outro. Aquele com maior poder aquisitivo demonstra rejeição com os moradores da favela, declaram sempre não possuírem nenhum tipo de interação e no máximo uma relação de trabalho. E o grupo mais pobre, demonstra uma condição de subalterno e declara existir uma amizade e uma convivência pacífica.

Gráfico 4: Interação dos moradores do Acaba Mundo em relação ao Sion

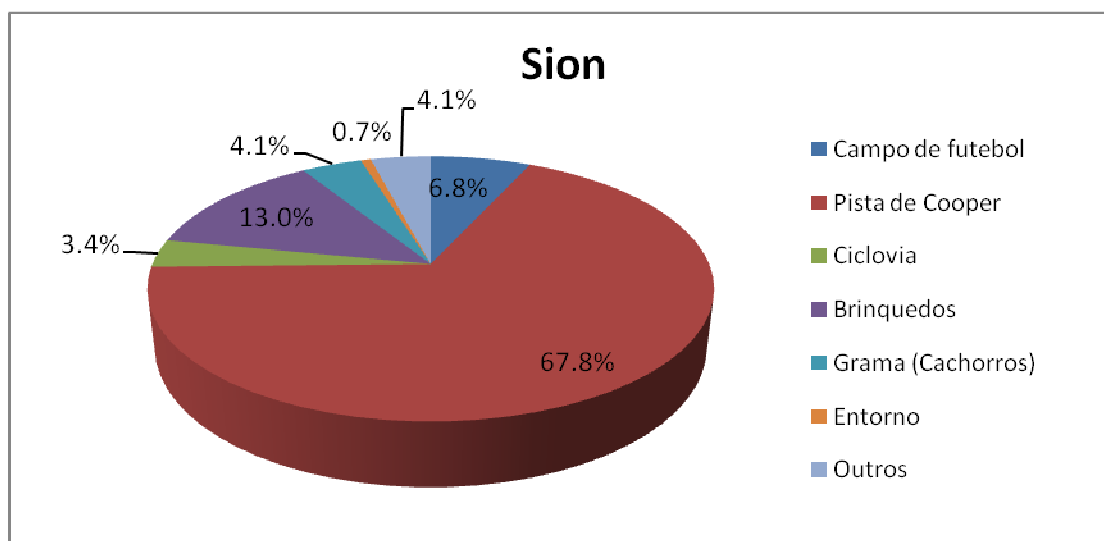


Fonte: Survey realizado em Outubro de 2008 a Janeiro de 2009.

Os gráficos 5 e 6 apresentam os espaços mais utilizados pelos moradores do Sion e pelo Acaba Mundo. Dos entrevistados que disseram utilizar o entorno, esse espaço trata-se da

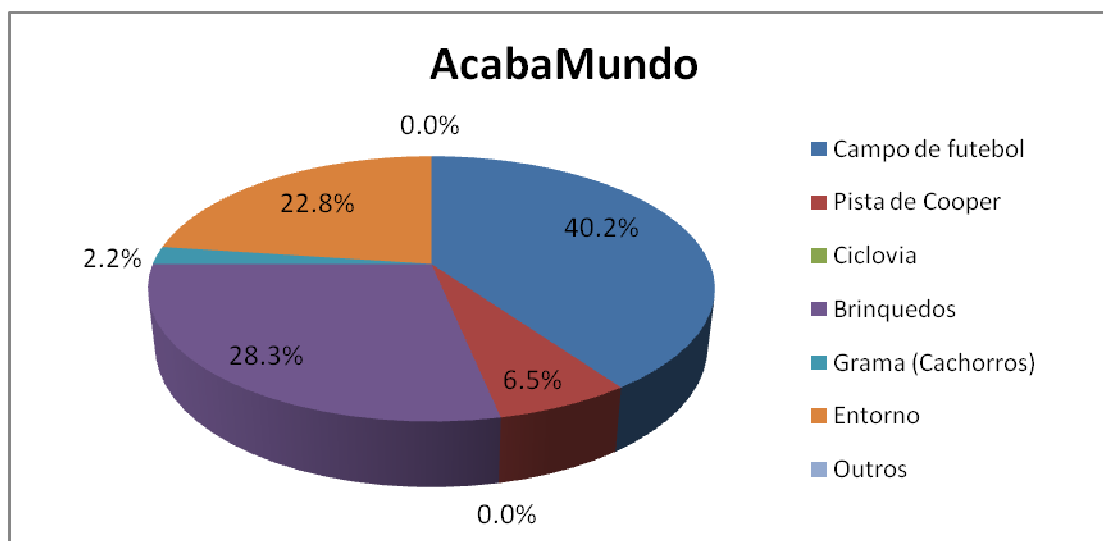
calçada que circula toda a praça, 22,8% são moradores do Acaba Mundo e apenas 0,7% do Sion. O campo de futebol é um espaço também muito citado pelos moradores da favela, com uso praticamente exclusivo desses moradores 40,2% e apenas 6,8% do Sion. Já a pista de Cooper chama a atenção para uma inversão em relação ao campo de futebol, pois se trata de um espaço com um maior número de seus frequentadores moradores do bairro Sion 67,8%. O mesmo fenômeno ocorre com a ciclovia, revelando que todas as pessoas que citaram o espaço moram no Sion, com um percentual de 1,5% do valor total de entrevistas. Estes números mostram que a maior parte da praça é ocupada pelo público com maior poder aquisitivo.

Gráfico 5: Utilização da praça pelos moradores do Sion



Fonte: Survey realizado em Outubro de 2008 a Janeiro de 2009.

Gráfico 6 : Utilização da praça pelos moradores do Acaba Mundo



Fonte: Survey realizado em Outubro de 2008 a Janeiro de 2009.

Apontam-se aqui as formas de agregação desses dois grupos quanto à utilização do espaço, muito verificada nas grandes cidades e, dessa forma, relacionada com as perdas das relações de vizinhança dos bairros, o que ainda pode ser presenciado nas cidades interioranas, e que implica na capacidade do indivíduo de dividir tudo que é comum a ele, como histórias e as relações de trocas.

Percebe-se que essa forma de interação não ocorre no Sion, principalmente em decorrência da pressa e da correria do dia a dia. Existe, portanto, um fator importante, ligado à questão da convivência, interação e sociabilidade, no sentido da utilização dos espaços por grupos. Dessa forma, quais seriam os moradores que mais permanecem e frequentam a praça? Os moradores do Sion são os que, segundo seus próprios relatos, menos utilizam o próprio bairro, usando-o mais como espaço dormitório, em consequência dos vários estímulos advindos do aumento das atividades e exigências da vida metropolitana, cada vez mais intensa. Quando se fala no aumento das atividades e estímulos, quer dizer que muitos dos moradores do Sion não trabalham no bairro e suas proximidades, tendo muitas vezes que se transportar para locais mais distantes, utilizando o bairro com maior frequência no início e final dos dias durante a semana e nos finais de semana. Isso acarreta um aumento do isolamento social e baixa sociabilidade, proporcionada pela individualidade de cada pessoa.

A individualidade é definida neste estudo, com o propósito de não ser confundida com o “egoísmo”, uma vez que podemos viver em grupos, e de certa forma, ao mesmo tempo, ter características que nos diferenciam das demais pessoas. Trata-se assim da individualidade, que, por sua vez, está ancorada na segurança, na determinação e na capacidade de escolha.

Portanto, uma característica saudável da personalidade, o que muitas vezes leva à confusão de se pensar no individualismo, conceito esse desenvolvido e adotado, infelizmente, por sua vez, com maior frequência.

No caso aqui estudado, a maior causa de distanciamento não está no domínio temporal de ocupação da localidade - os moradores da favela já habitavam o espaço antes da constituição do bairro, mas encontra-se no maior poder econômico de seus habitantes. Os outsiders neste estudo, como mostrado no capítulo 1, são os moradores da Favela do Acaba Mundo, que, devido à condição econômica inferior, estão na posição de subalternos em relação aos moradores do Sion. Uma prova dessa condição é o fato de muitos moradores da favela prestarem serviços pouco especializados, como o trabalho doméstico, aos moradores do Sion.

A relação de fronteira nos mostra que nos espaços do bairro Sion existe o que podemos chamar de uma fronteira móvel⁵. Trata-se de uma separação social e não física. Isso nos revela que nesses “espaços de fronteira”, as delimitações não são fixas, elas se deslocam, esse deslocamento está associado a mudança de público nos espaços da praça e obedecem os horários de cada grupo, quando um está utilizando o outro se retira. Evidenciando formas distintas de apropriação dos espaços. Esse deslocamento não é aleatório, ele obedece a uma marcação de dias da semana e de horários. Essas fronteiras são construídas e, por serem sociais, são negociadas. Há uma pressão dos mais ricos sobre os mais pobres, mas também dos mais pobres sobre os mais ricos; os primeiros não sofrem apenas a segregação e a imposição dos mais ricos, tanto que fazem presença na praça e em outros espaços públicos. (SOUZA, 2006).

No decorrer das observações na praça, as diferenças sociais não favorecem a interação no espaço público que em tese é o lugar de encontro. A constatação foi de quase ausência de interação social, principalmente de uma relação espontânea entre os grupos. As pessoas preferem distanciar-se dos diferentes e conviver com os iguais, mantendo uma demarcação dos espaços, limites esses que são estabelecidos indiretamente, quer dizer, estão próximos no espaço, mas essa proximidade não leva a interação. As diferenças sociais, econômicas e culturais não favorecem a interação nem em espaços públicos como a Praça JK.

Percebe-se a existência de um comportamento segregacionista. As praças não se tornam algo ultrapassado, ao contrário, são bastante frequentadas, porém a busca fundamental está na

⁵ Fronteira móvel: Essa constatação foi realizada a partir de uma pesquisa de iniciação científica concluída no ano de 2005, que investigou a relação de sociabilidade na praça JK, localizada no bairro Sion.

convivência entre os iguais. Portanto, não há uma recusa a praça, mas sim à interação que venha a existir nesses espaços, com as diferenças. Assim, o lado benéfico dos espaços públicos, está no possível encontro entre o diferente e estranho, essa é uma questão criada pelos atuais usuários das praças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exposição realizada, apresentamos o crescimento e desenvolvimento das metrópoles e os impactos gerados. Tratamos aqui de refletir sobre os estudiosos de Chicago, onde foi criado o primeiro departamento de sociologia urbana. Foram apresentadas desde um esclarecimento dos principais conceitos desenvolvidos pelos estudos urbanos para então chegarmos à condição de apontar como a Escola de Chicago é até os dias de hoje, importante para as pesquisas sobre as cidades.

Constatamos que os espaços públicos são locais de frequentadores heterogêneos, mas existe uma perceptível delimitação desses espaços, proporcionando uma condição de isolamento social entre os diferentes. No caso do bairro Sion foi percebido com nitidez o distanciamento dos moradores do bairro em relação aos moradores das favela do Acaba Mundo ao entorno.

A relação de vizinhança no Sion é restrita. Embora haja um relacionamento entre os frequentadores dos espaços públicos, verificamos que essas relações apresentam grande transitoriedade. Relacionam-se enquanto se aproximam por qualquer razão determinada no momento. Esse contato não costuma permanecer e podem gerar em futuros encontros algumas palavras ou cumprimentos, mas não uma troca de experiência mais ampla. Caso tal fato ocorra, só acontece para representar uma exceção dentro das regras gerais de convivência por nós verificada.

O Sion, além de ser hoje um bairro residencial altamente valorizado e com uma grande especulação imobiliária, é um espaço que dificulta a aproximação e a interação dos moradores da favela com os do bairro, exatamente pelos altos preços dos locais de lazer como bares e restaurantes. Nos dias atuais, apresenta-se como um bairro considerado de fácil acesso e proximidade com a Savassi e com o centro da cidade. Mesmo com o processo de verticalização, e com o aumento do trânsito, o Sion ainda é um espaço de relativa tranquilidade.

Pode-se constatar a presença de espaços residenciais e comerciais exclusivos para os mais ricos. Uma privatização não declarada e também não estabelecida oficialmente, mas existente como um limite invisível que impõe essas condições aos moradores da favela, quando o espaço é frequentado pelos moradores do Sion - a estigmatização dos espaços populares.

Assim, como se não fosse suficiente, as pessoas que vivem na favela convivem com condições precárias de moradia e de infraestrutura. O estigma e as grandes chances de “isolamento social”, como afirma Kaztman (2001), impõem aos mais pobres impedimentos ainda maiores de se estabelecerem no bairro.

De acordo com Celeste, presidente do FEMAM, “*a realidade do Sion e da favela é muito contrastante*”. Dessa forma, retornando ao conceito de efeito vizinhança, constata-se neste estudo uma ausência de influência benéfica do Sion sobre o Acaba Mundo, o que reforça o isolamento social dos mais pobres. Esse isolamento foi percebido a partir de conversas com os moradores dos dois grupos, nas relações entre as pessoas da favela e do Sion, nos espaços públicos como na Praça JK. Percebe-se pouca interação entre os dois públicos, especialmente os moradores do Sion, com maior poder aquisitivo.

Poucas pessoas declaravam ter algum tipo de interação. Quando isso ocorria, eram pessoas que de alguma forma sofreram incômodos em relação ao uso dos espaços, como no caso de dois adolescentes entrevistados, moradores do Sion, que declararam ter problemas ao andar de bicicleta. Disseram que as pessoas que fazem caminhada na Praça reclamam e brigam muito. Neste caso específico, os jovens declararam também que convivem com maior tranquilidade com os moradores da favela, interagindo através de conversas e utilizando os espaços mais na proximidade do campo de futebol, quer dizer, mais próximo do Acaba Mundo e seu moradores.

Pode-se observar uma relação de exclusão pela forma como os equipamentos são utilizados na Praça JK. A quadra de areia para jogos é utilizada principalmente pelos moradores da Vila Acaba Mundo, enquanto os equipamentos de ginástica e também os locais para caminhadas e passeios de bicicleta são utilizados pelos moradores do bairro Sion e dos outros frequentadores que para lá vão levar seus filhos e também se exercitar. Isso pode ser comprovado com o survey aplicado para medir a interação entre Sion/ Acaba Mundo.

Ao responder ao questionário quantitativo, um morador do Acaba Mundo que trabalha olhando os carros no estacionamento da Praça JK, relatou uma questão significativa sobre a relação de isolamento social sofrida pelos moradores da favela: “... *as pessoas acham que só porque somos pobres a gente vai roubar. Favelado você já viu, todo mundo discrimina*” (Entrevista realizada no dia 24 de outubro de 2008). A estigmatização das pessoas que residem na favela é reforçada pelos discursos dos moradores que ali vivem; elas se sentem isoladas em relação ao convívio nos espaços, em especial na Praça JK, onde se realizaram as entrevistas.

Nos últimos anos, o conceito de fronteiras tem estado no centro de investigações importantes na antropologia, sociologia, história, ciência política e psicologia social. Esta pesquisa examinou a existência de uma fronteira que estabeleceu limites entre dois grupos distintos, limites esse que seguem uma mudança tanto no tempo como no espaço, definido em nossa investigação de fronteira móvel ou cambial.

Quando se analisa a percepção de uma fronteira, percebe-se que o deslocamento ocorre obedecendo à relação de frequência dos moradores do Sion, que, quando estão presentes mantêm um distanciamento com os moradores da Vila Acaba Mundo, os quais, por sua vez, ficam na margem da praça observando o movimento. Esses, por se sentirem inferiores, preferem utilizar a praça quando o primeiro grupo não está presente.

Diante do exposto, percebe-se a existência de um comportamento de segregação sócio-espacial. A Praça JK é bastante frequentada, porém a busca fundamental está na convivência entre iguais. Portanto, pôde-se concluir que não há uma recusa à praça enquanto espaço público, mas sim à interação que venha a existir nesses espaços.

A praça é marcada por uma pressão dos mais ricos sobre os mais pobres, verificada com as formas de interação dos dois grupos que optam por utilizar espaços distintos com o intuito de não se misturarem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luciana Teixeira. **A Belo Horizonte dos Modernistas: Representações Ambivalentes da Cidade Moderna**. Belo Horizonte. Editora PUCMINAS, 2004.

ANDRADE, Luciana Teixeira. Estilos de vida nos condomínios fechados. In: FRÚGOLI, Heitor. ANDRADE, Luciana.T. **As cidades e seus agentes: Práticas e representações**. Editora PUCMINAS e Edusp. 2006, p. 305.

ANDRADE, Luciana Teixeira. **Estudos de bairros: construindo uma metodologia qualitativa com suporte qualitativo**. 31º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Outubro, 2007.

ANDRADE, Luciana Teixeira. **Singularidade e igualdade nos espaços públicos**. Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 2, p. 12-24, 2007.

ANDRADE, Luciana Teixeira; MENDONÇA, Jupira Gonçalves e FARIA, Carlos Aurélio Pimenta. **Metrópole. Território, Sociedade e Política. O caso da Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Ed. PUC Minas, 2008.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BHABHA, Homi K. ; **Vidas na Fronteira: a arte do presente**; In Bhabha, Homi K. **O Local da Cultura**, Belo horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 20.

BAPTISTA, Maria Elisa. **Urbanização brasileira: Redescobertas**. Belo Horizonte, Editora C/ Arte, 2003.

BRANDENBERGER, Francys. **Plano Global Específico – Um Instrumento de Planejamento Urbano em Assentamentos Subnormais**. Seminário de Avaliação de Projetos IPT, 2002.

BOGUS Lucia Maria Machado; PASTERNAK, Suzana. **A cidade dos extremos**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 20 a 24 de Setembro de 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Efeitos de lugar**. In Boudiu, P, (coord.) **A miséria do mundo**. Vozes, 1997.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/ Edusp, 2000.

COULON, Alain. **As origens da Escola de Chicago**. In, A Escola de Chicago. São Paulo. Papirus, 1995.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaços, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2000.

FICHA DE REGULARIZAÇÃO FUINDIÁRIA. 11 de Outubro de 2005.

FREITAS, Wagner Cinelli de Paula. **O retorno da cidade como objeto de estudo da sociologia do crime**. IBCCRIM, ano 5, n° 9. Porto Alegre, 2003. P. 370-377.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária, 2006.

GIDDENS, Anthony. **SOCIOLOGIA**. Porto Alegre. ARTMED Editora; 4ª edição, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1982.

GOYCOCHÊA, Castilhos. **Fronteiras e Fronteiros**. Brasília, 1943: Vol 230 col. Brasileira.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**, Petrópolis. Vozes. 2003.

GONÇALVES, António Custódio. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I série**. Vol. IV – Porto, 1988, p. 15 a 31.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Nobeert Ellias**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, Fronteiras, Híbridas: Palavra-Chave da Antropologia Transnacional**. MANA, 7-39, 1997.

KATZMAN, R. **Aislamento social de los pobres urbanos: reflexiones sobre la naturaleza, determinantes y consecuencias**, Buenos Aires, SIEMPRO/ UNESCO, 2001.

KAZTMAN, Rubén. “Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos”, **Revista de La Cepal**, 75, diciembre, 2001.

KAZTMAN, Ruben. A dimensão espacial nas políticas de superação da pobreza urbana. In RIBEIRO, L. C. de Q.; SANTOS JUNIOR, O. A. dos (orgs.). **As metrópoles e a questão social brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. "A continuidade do 'problema da favela" In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.) **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

MAGNANI, Carlos. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia**. RBCS, n. 49, vol.17, Junho de 2002.

MENDONÇA, Jupira. Mobilidade residencial e dinâmica das transformações socioespaciais na metrópole belo-horizontina. **Cadernos Metrópole (PUCSP)**, São Paulo, n. 9, p. 39-79, 2003.

MENDONÇA, Jupira. **Unidades Espaciais Homogêneas (UEH): Metodologia de Regionalização da RMBH**. 31º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu - MG – Brasil, de 22 a 26 de Outubro de 2007.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1967.

PASTERNAK, Suzana. Análise comparativa da questão da habitação nas metrópoles. In: **As metrópoles e a questão social brasileira**. Ed: Revan. Observatório das metrópoles, 2007, p. 233-238.

RAMOS, Aluísio Wellichan. Espaço-tempo na cidade de São Paulo: Historicidade e espacialidade do “Bairro” da Água Branca. **Revista do Departamento de Geografia**, 15. 2002. P. 65-75.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz e LAGO, Luciana Corrêa do. **A oposição favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro.** São Paulo Perspec. vol.15 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2001.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CRUZ, Gisele dos Reis; MABERLA, Juliana Eleuze Carreira. **Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano. A Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro.** 27º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Outubro, 2003.

RIBEIRO, Luiz C. de Q. "Transformação geofísica e explosão urbana". In: SACHS, I. e outros (orgs.). **Brasil – Um século de transformações.** Companhia das Letras, São Paulo; 2001.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades Brasileiras**", Editora Contexto, São Paulo, 1988, pág. 37-41.

SALCEDO, Rodrigo Hasen. **“El espacio público en el debate actual: Una reflexión crítica sobre el urbanismo post-moderno.”** EURE, Santiago, Set 2002, vol.28, no. 84, p.5-19.

SAMPPSON, Robert J., Stephen Raudenbush, and Felton Earls. 1997. **Neighborhoods and Violent Crime: A Multilevel Study of Collective Efficacy.** *Science* 277:918-24.

SAMPSON, Robert J., Jeffrey D. Morenoff and Thomas Gannon-Rowley. Assessing Neighborhood Effects: Social Processes and New Directions in Research. **Annual Review of Sociology** 28:443-478, 2002.

SAMPSON, Robert J. **Networks and Neighbourhoods: The Implications of Connectivity for Thinking about Crime in the Modern City.** Pp. 157-166 in *Network Logic: Who Governs in an Interconnected World?* edited by Helen McCarthy, Paul Miller, and Paul Skidmore. London: Demos, 2004.

SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade, p.56.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade.** Tradução: Lygia Araújo Watanabe — São Paulo; Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental, Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1967.

SIMMEL, Georg; **O Estrangeiro**. Sociologia, São Paulo. Ed: Ática, 1981.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2006.

SOUZA, Heloisa Helena. **A Segregação social em espaços públicos: um estudo sobre a Praça JK** In: Destaques de 2005, Iniciação Científica, Ed. PUC MINAS. Belo Horizonte, 2006.

SOUZA, Heloisa Helena. **Segregação Socioespacial e Desempenho Escolar nas Escolas Públicas de Belo Horizonte**. In: Destaques de 2006, Iniciação Científica, Ed. PUC MINAS. Belo Horizonte, 2006, p.287-302.

VALADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: Do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro. Ed: FGV, 2005.

VIANNA, Hermano. O Funk como símbolo da Violência Carioca. Texto apresentado no Ciclo de Debates Cidadania e Violência, organizado pela Copea/UFRJ, e publicado no livro **Cidadania e Violência**, organizado por Gilberto Velho e Marcos Alvito, e lançado pelas Editoras UFRJ e FGV, 2006.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Ed. UNB. Vol.1 e 2. São Paulo, 2004.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Vol. 1 e 2. Campinas, São Paulo, 1999.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: Org.VELHO Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1967.

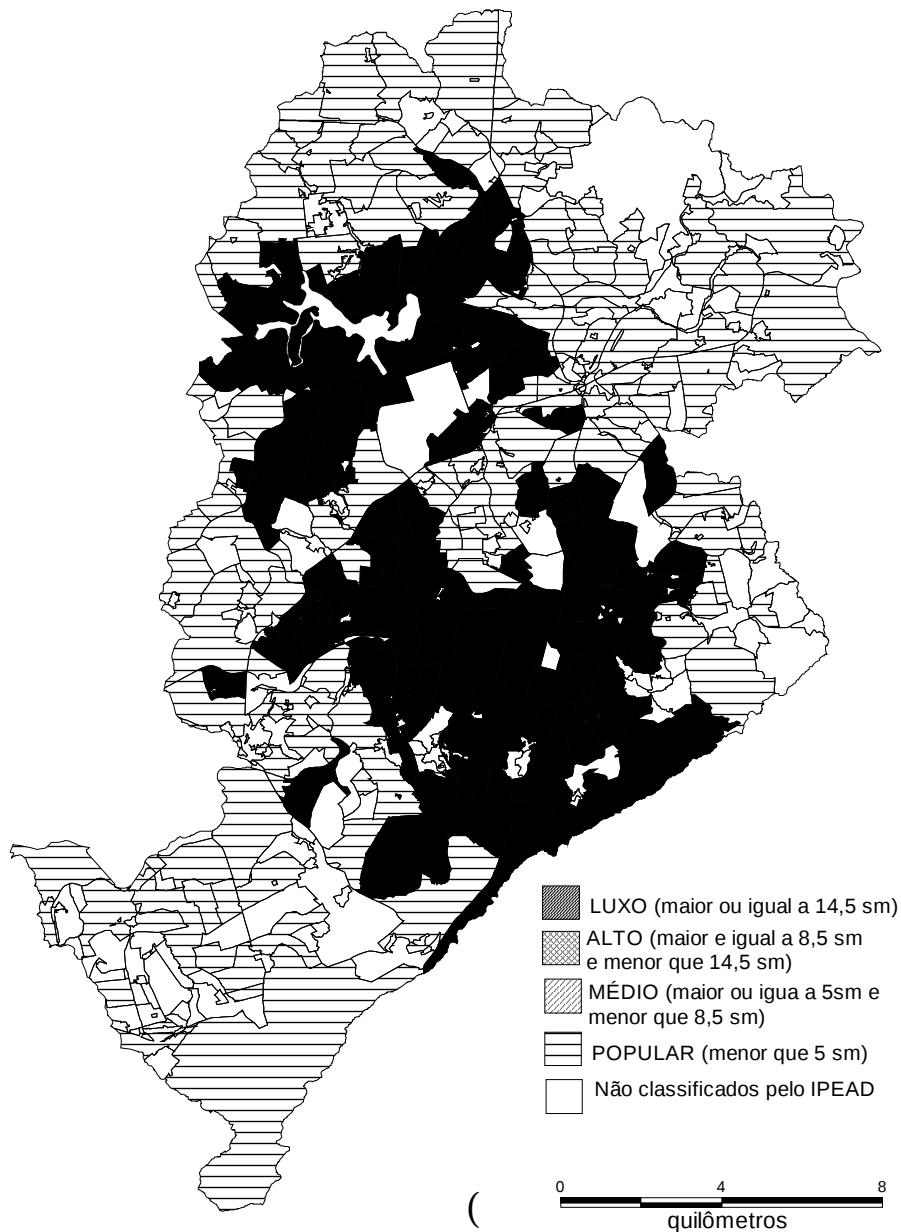
ANEXOS

Belo Horizonte

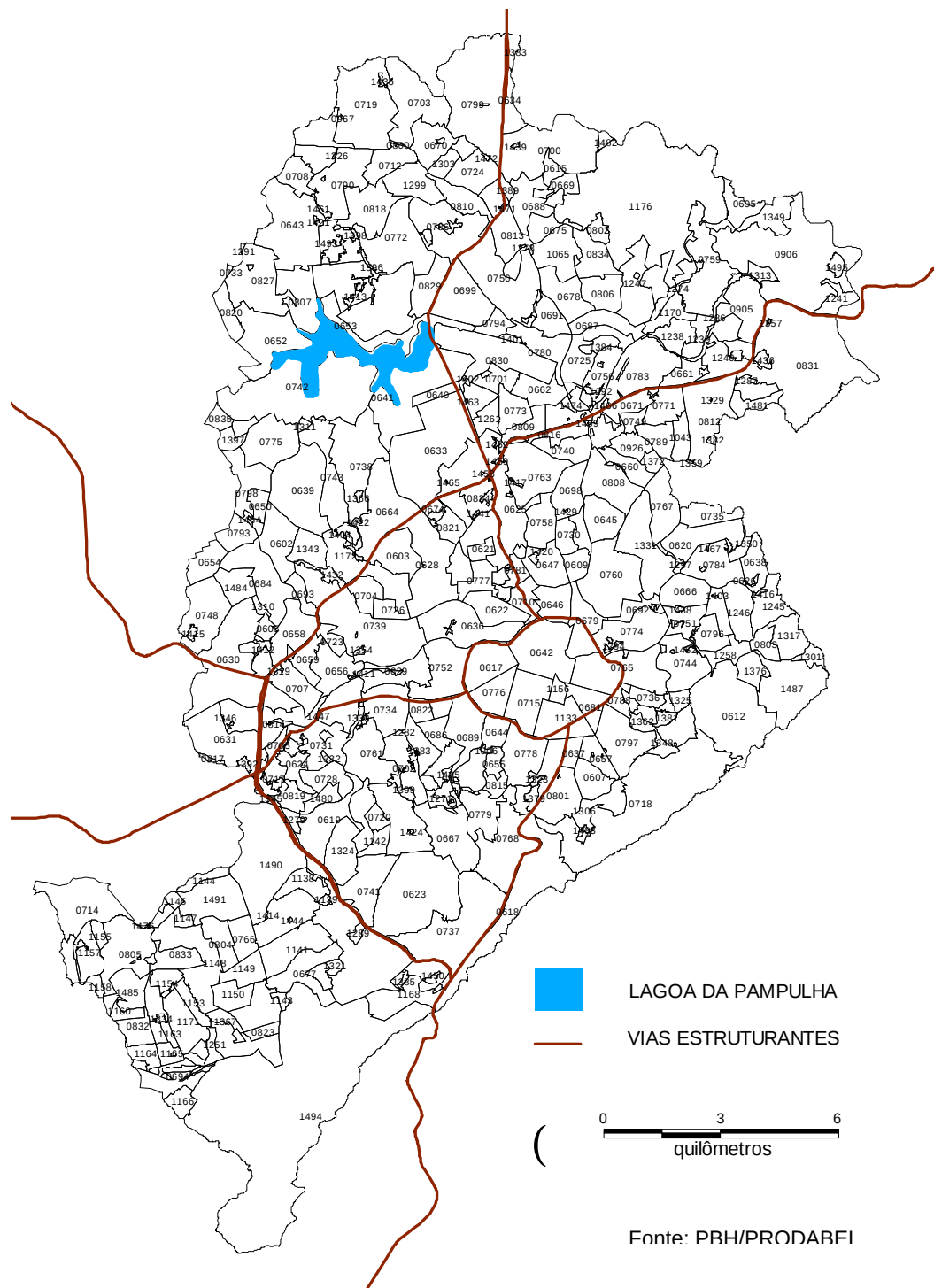
Classificação de bairros – IPEAD

(por faixa de renda média do chefe do domicílio em salários mínimos)

2000



Bairros de Belo Horizonte



- O bairro Sion : 0801

Lista de Bairros

Código	Nome	Código	Nome	Código	Nome	Código	Nome	Código	Nome
0600	Aarão Reis	0715	Lourdes	0820	Xangri-Há	1295	Camponesa I	1397	Urca
0602	Alípio de Melo	0716	Luxemburgo	0821	Aparecida, Sétima Seção	1296	Camponesa II	1398	Várzea da Palma
0603	Alto Caiçaras	0717	Bairro Madre Gertrudes	0822	Alto Barroca	1297	Camponesa III	1399	Ventosa
0604	Alto dos Pinheiros	0718	Mangabeiras	0823	Pongelupe	1298	Canadá	1400	Vila Aarão Reis
0605	Álvaro Camargos	0719	Mantiqueira	0824	Nova Cachoeirinha	1299	Candelária	1401	Vila Aeroporto
0607	Anchieta	0720	Marajó	0827	Trevo	1300	Carioca	1402	Vila Aeroporto Jaraguá
0608	Aparecida	0721	Maria Helena	0828	Copacabana	1301	Castanheiras	1403	Vila Alto Vera Cruz II
0609	Graça	0722	Milionários	0829	Santa Branca	1303	Cenáculo	1404	Vila Alvorada
0612	Baleia	0723	Minas Brasil	0830	Aeroporto	1304	Chácara Leonina	1405	Vila Antena
0615	Frei Leopoldo	0724	Minascaixa	0831	Jardim Vitória	1305	Cocorocó	1406	Vila Antena Montanhês
0616	Barroca	0725	Minaslândia	0832	Vale do Jatobá	1306	Comiteco	1407	Vila Átila de Paiva
0617	Barro Preto	0726	Monsenhor Messias	0833	Olaria	1307	Cônego Pinheiro A	1408	Vila Bandeirantes
0618	Belvedere	0728	Nova Cintra	0834	Jardim Felicidade	1308	Cônego Pinheiro B	1409	Vila Barragem Santa Lúcia
0619	Betânia	0729	Nova Esperança	0835	Confisco	1309	Conjunto Floramar	1410	Vila Boa Vista
0620	Boa Vista	0730	Nova Floresta	0905	Paulo VI	1310	Conjunto Jardim Filadélfia	1411	Vila Calafate
0621	Bom Jesus	0731	Nova Gameleira	0906	Capitão Eduardo	1311	Conjunto Lagoa	1412	Vila Califórnia
0622	Bonfim	0732	Nova Granada	0907	Suzana	1312	Conjunto Minascaixa	1413	Vila Copacabana
0623	Buritis	0733	Nova Pampulha	0926	Fernão Dias	1313	Conjunto Paulo VI	1414	Vila COPASA
0624	Cabana do Pai Tomás	0734	Nova Suissa	0967	Nova América	1314	Conjunto Providência	1415	Vila Coqueiral
0625	Cachoeirinha	0735	Nova Vista	1006	Monte São José	1315	Conjunto São Francisco de Assis	1416	Vila da Área
0626	Caetano Furquim	0736	Novo São Lucas	1043	Ipê	1316	Conjunto Serra Verde	1417	Vila da Paz
0627	Caiçara-Adelaide	0737	Olhos d'Água	1065	Jardim Guanabara	1317	Conjunto Taquaril	1418	Vila das Oliveiras
0628	Caiçaras	0738	Ouro Preto	1133	Savassi	1318	Madre Gertrudes VII	1419	Vila de Sá
0629	Calafate	0739	Padre Eustáquio	1138	Bairro Novo das Indústrias	1319	Delta	1420	Vila do Pombal
0630	Califórnia	0740	Palmares	1139	Conjunto Bonsucesso	1320	Madre Gertrudes II	1421	Vila dos Anjos
0631	Camargos	0741	Palmeiras	1140	Bonsucesso	1321	Esperança	1422	Vila Engenho Nogueira
0632	Campo Alegre	0742	Bandeirantes	1141	Araguaia	1322	Esplanada A	1423	Vila FUMEC
0633	Campus UFMG	0743	Paquetá	1142	Parque São José	1323	Estrela	1424	Vila Havaí
0634	Canaã	0744	Paraíso	1143	Flávio de Oliveira	1324	Estrela do Oriente	1425	Vila Independência I
0635	Cardoso	0746	Prado Lopes	1144	Santa Margarida	1325	Fazendinha	1426	Vila Independência III
0636	Carlos Prates	0748	Pindorama	1145	Átila de Paiva	1326	Flamengo	1427	Vila Independência IV
0637	Carmo	0749	Pirajá	1146	João Paulo II	1327	Grota	1428	Vila Inestan
0638	Casa Branca	0750	Planalto	1147	Ademar Maldonado	1328	Grotinha	1429	Vila Ipiranga
0639	Castelo	0751	Pompéia	1148	Diamante	1329	Guanabara	1430	Vila Jardim Leblon
0640	São José	0752	Prado	1149	Miramar	1330	Guaratã	1431	Vila Jardim Montanhês
0641	São Luiz	0754	Primeiro de Maio	1150	Brasil Industrial	1331	Horto Florestal	1432	Vila Jardim São José
0642	Centro	0756	Providência	1153	Vila Pinho	1332	Imbaúbas	1433	Vila Maloca

643	Céu Azul	0758	Renascença	1154	Castanheira	1333	Itatiaia	1434	Vila Mangueiras
0644	Cidade Jardim	0759	Ribeiro de Abreu	1155	Túnel de Ibitaré	1334	Jardim do Vale	1435	Vila Mantiqueira
0645	Cidade Nova	0760	Sagrada Família	1156	Boa Viagem	1336	João Alfredo	1436	Vila Maria
0646	Colégio Batista	0761	Salgado Filho	1157	Itaipu	1337	Lajedo	1437	Vila Minaslândia
0647	Colégio	0762	Santa Amélia	1158	Marilândia	1338	Laranjeiras	1438	Vila Nossa Senhora do Rosário
0649	Conjunto Califórnia II	0763	Santa Cruz	1159	Santa Cecília	1339	Leonina	1439	Vila Nova
0650	Conjunto Celso Machado	0765	Santa Efigênia	1160	Jatobá IV	1340	Lorena	1440	Vila Nova Cachoeirinha I
0652	Braúnas	0766	Santa Helena	1161	Cinquentenário	1341	Madri	1441	Vila Nova Cachoeirinha II
0653	Jardim Atlântico	0767	Santa Inês	1162	Ernesto do Nascimento	1342	Mala e Cuia	1443	Vila Nova Cachoeirinha IV
0654	Coqueiros	0768	Santa Lúcia	1163	Santa Rita	1343	Manacás	1444	Vila Nova dos Milionários
0655	Coração de Jesus	0769	Conjunto Santa Maria	1164	Mangueiras	1345	Madre Gertrudes V	1445	Vila Nova Gameleira I
0656	Coração Eucarístico	0770	Santa Maria	1165	Petrópolis	1346	Maravilha I	1446	Vila Nova Gameleira II
0657	Cruzeiro	0771	Maria Goretti	1166	Mineirão	1347	Maravilha II	1447	Vila Nova Gameleira III
0658	Dom Bosco	0772	Santa Mônica	1167	Solar do Barreiro	1348	Marçola	1448	Vila Nova Paraíso
0659	Dom Cabral	0773	Santa Rosa	1168	Pilar	1349	Maria Teresa	1449	Vila Novo São Lucas
0660	Dom Joaquim	0774	Santa Tereza	1170	Novo Aarão Reis	1350	Mariano de Abreu	1450	Vila Olhos d'Água
0661	Dom Silvério	0775	Santa Terezinha	1171	Distrito Industrial do Jatobá	1351	Marieta I	1451	Vila Paquetá
0662	Dona Clara	0776	Santo Agostinho	1172	Jardim Alvorada	1352	Marieta II	1452	Vila Paraíso
0664	Engenho Nogueira	0777	Santo André	1173	Pousada Santo Antônio	1353	Mariquinhas	1453	Vila Petrópolis
0665	Ermelinda	0778	Santo Antônio	1176	Granja Werneck	1354	Marmiteiros	1454	Vila Pilar
0666	Esplanada	0779	São Bento	1202	Vista do Sol	1356	Mirante	1455	Vila Piratininga
0667	Estoril	0780	São Bernardo	1238	Ouro Minas	1357	Mirtes	1456	Vila Primeiro de Maio
0669	Etelvina Carneiro	0781	São Cristóvão	1239	Belmonte	1358	Madre Gertrudes III	1457	Vila PUC
0670	Europa	0782	São Francisco	1240	Nazaré	1359	Morro dos Macacos	1458	Vila Real I
0671	Eymard	0783	São Gabriel	1241	Beija Flor	1360	Nossa Senhora Aparecida	1459	Vila Real II
0673	Vila CEMIG	0784	São Geraldo	1245	Granja de Freitas	1361	Nossa Senhora da Aparecida	1460	Vila Rica
0674	Sumaré	0785	São João Batista	1246	Alto Vera Cruz	1362	Nossa Senhora da Conceição	1461	Vila Santa Mônica
0675	Xodó-Marize	0786	Vila São João Batista	1247	Tupi B	1363	Nossa Senhora de Fátima	1462	Vila Santa Rosa
0677	Flávio Marques Lisboa	0787	Jardim São José	1251	Vila Ecológica	1364	Nossa Senhora do Rosário	1463	Vila Santo Antônio
0678	Floramar	0788	São Lucas	1252	Vitória da Conquista	1365	Novo Dom Bosco	1464	Vila Santo Antônio Barroquinha
0679	Floresta	0789	São Marcos	1253	Silveira	1366	Novo Ouro Preto	1465	Vila São Francisco
0681	Funcionários	0790	Piratininga	1254	Vila Formosa	1367	Novo Santa Cecília	1466	Vila São Gabriel A
0682	Gameleira	0791	São Paulo	1257	Corumbiara	1368	Novo Tupi	1467	Vila São Geraldo
0684	Glória	0792	São Pedro	1258	Jonas Veiga	1369	Oeste	1468	Vila São Paulo
0686	Grajaú	0793	São Salvador	1261	Indaiá	1370	Pantanal	1469	Vila São Paulo Modelo
0687	Guarani	0794	São Tomás	1267	Acaíaca	1371	Parque São Pedro	1470	Vila São Rafael
0688	Juliana	0796	Saudade	1270	Águas Claras	1372	Penha	1471	Vila Satélite
0689	Gutierrez	0797	Serra	1271	Alpes	1373	Peru	1472	Vila Serra Verde

0690	Havaí	0798	Serrano	1272	Alta Tensão II	1374	Pindura Saia	1473	Vila Sumaré
0691	Heliópolis	0799	Serra Verde	1273	Antenas	1375	Piratininga A	1474	Vila Suzana I
0692	Horto	0800	Vila SESC	1274	Antônio Ribeiro de Abreu	1376	Pirineus	1475	Vila Suzana II
0693	Inconfidência	0801	Sion	1275	Ápia	1378	Santa Isabel	1476	Vila Tirol
0694	Independência	0802	Solimões	1276	Apolônia	1379	Santa Rita de Cássia	1477	Vila Trinta e Um de Março

Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte / PRODABEL

Roteiro de entrevistas

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Sexo:
- 4) Endereço:
- 5) Nível educacional (último ano):
- 6) Quantos anos mora no bairro?
- 7) Quais os aspectos positivos do bairro?
- 8) Quais os aspectos negativos?
- 9) Gosta de morar no bairro?
- 10) Quais as razões pelas quais gosta de morar ou não no bairro?
- 11) Você conhece alguém que mora (na favela ou no bairro)? Se sim, que tipo de relação vocês tem?
- 12) Qual o tipo de interação com os moradores do bairro? (favela x Sion, não ler)
- 13) Existe algum tipo de negociação entre os moradores do bairro nos espaços públicos utilizados?
- 14) Você frequenta o comércio do bairro?
- 15) Quais os tipos de comércio que você utiliza com mais frequência no bairro?
- 16) Existem opções de comércio que proporcionem condições de escolha? (preço, qualidade do produto)
- 17) Você se sente seguro no bairro?

Roteiro de observação

- 1)** Dia:
- 2)** Hora:
- 3)** Local:
- 4)** Qual o estado de conservação do espaço observado (praça, parque, rua ou bares, etc.)
- 5)** O espaço está movimentado?
- 6)** Qual o tipo de movimento?
- 7)** Existe interação entre os moradores e frequentadores desse espaço? (relação de sociabilidade ou de isolamento)
- 8)** Qual o tipo de interação entre os moradores?
- 9)** Trata-se de um espaço de encontro e lazer?
- 10)** Qual o perfil das pessoas que frequentam esse espaço, no momento observado?
- 11)** Quais os tipos de comércio no bairro?
- 12)** Existem opções de comércio que proporcionem condições de escolha? (preço, qualidade do produto)
- 13)** Existe policiamento no local? (verificar a relação de segurança)

Survey

QUESTIONÁRIO INTERAÇÃO BAIRRO/FAVELA

1.	Onde você mora? 1. Sion 2. Acaba mundo Se for outro, agradeça e encerre a entrevista!	[]
2.	Quantos anos você tem? <i>Anotar direto no campo=====></i>	[][]
3.	Há quanto tempo mora no bairro/vila (anos)? _____	[][]
4.	A sua cor ou raça é (ler as alternativas): 1. Branca 2. Parda 3. Preta 4. Amarela 5. Não sabe/não respondeu	[][]
5.	Você está estudando? 1. Sim 2. Não	[]
6.	Qual foi a última série/ano/período que você concluiu com aprovação? (escrever a resposta) _____	[][]
7.	Qual é sua religião atual? 1. Nenhuma 2. Católica romana 3. Protestantismo histórico (luterano, batista, metodista, presbiteriano) 4. Pentecostal / evangélica 5. Espírita kardecista 6. Afro-brasileira 7. Outra, especifique: _____ 8. NS/NR	[]
8.	Qual é sua situação conjugal atual? 1. Casado/unido 2. Separado/divorciado 3. Viúvo 5. Solteiro 6. NS/NR	[]
9.	Você tem filhos? 1. Sim 2. Não	[]

10.	Se sim, quantos e idades? 1. _____ 4. _____ 2. _____ 5. _____ 3. _____ 6. _____	[_____]
11.	Qual a renda da sua família? 1. Até 1 SM (até R\$ 415,00) 2. De 1 a 2 SM (R\$ 415,00 a 830,00 reais) 3. De 2 a 3 SM (R\$ 830,00 a 1.245,00 reais) 4. De 3 a 5 SM (R\$ 1.245,00 reais a 2.075,00 reais) 5. De 5 a 10 SM (R\$ 2.075,00 a 4.150,00 reais) 6. De 10 a 20 SM (R\$ 4.150,00 a 8.300,00 reais) 7. De 20 a 30 SM (R\$ 8.300,00 a 12.450,00 reais) 8. Mais de 30 SM (acima de R\$ 12.450,00) 9. NS/NR	[_____]
12.	Quantas vezes por semana você vem à praça? 1. De 1 a 2 vezes por semana 2. De 3 a 4 vezes por semana 3. De segunda a sexta-feira 4. Só aos finais de semana 5. Todos os dias da semana 6. Outro: 7. NS/NR	[_____]
13.	Qual a parte da praça você mais utiliza? (espontânea, múltiplas respostas, colocar em ordem de preferência) 1. O campo de futebol 2. Pista de Cooper 3. A ciclovía 4. Parte da grama onde ficam os brinquedos 5. Parte da grama onde ficam os cachorros 6. Outros: _____ 7. NS/NR	[_____] [_____] [_____]
14.	Na sua opinião, a relação de convívio entre os frequentadores da praça JK é: (ler as alternativas) 1. Muito boa 2. Razoável 3. Ruim 4. Não existe 5. NS/NR	[_____]
15.	Por quê?	[_____]

16.	Na sua opinião, como é a relação de convívio entre os freqüentadores da praça JK e os moradores do <u>Acaba Mundo/SION</u> ? (mudar a pergunta de acordo com o local de moradia do entrevistado) <u>Ler as alternativas</u>	[_____]
	1. Muito boa 2. Razoável 3. Ruim 4. Não existe 5. NS/NR	
17.	Por quê?	[_____]
18.	Gosta de morar no bairro? 1. Sim 2. Não 3. Indiferente 4. NS/NR	[_____]
19.	Quais os aspectos positivos do bairro? (espontânea, múltiplas respostas, colocar em ordem de preferência os três mais importantes)	[_____] [_____] [_____]
	1. Vizinhança 2. Os espaços públicos para o lazer 3. Bares/restaurantes 4. Comércio 5. Proximidade com a Savassi 6. Segurança 7. Outro: 8. NS/NR	
20.	Quais os aspectos negativos do bairro? (espontânea, múltiplas respostas, colocar em ordem de preferência os três mais importantes)	[_____] [_____] [_____]
	1. Vizinhança (proximidade com a favela) 2. Falta de segurança 3. Poucos bares/restaurantes 4. Comércio pouco diversificado 5. Falta de espaços públicos para o lazer 6. Trânsito/acesso ruim ao bairro 7. Outro: _____ 8. NS/NR	
21.	Na sua opinião, qual o tipo de interação que existe entre os moradores do bairro e do Acaba Mundo? (Não ler alternativas)	[_____]
	1. Trabalho 2. Amizade 3. Encontros casuais 4. Nenhuma 5. Outra: _____ 6. NS/NR	

AGRADEÇA AO ENTREVISTADO E ENCERRE A ENTREVISTA!!!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)